

PARO

75

INFINITI

PERIODS





www.parqmag.com

facebook

instagram

youtube

/parqmag

/parqmag

/parqmag

foto **MIGUEL DOMINGOS**
 fashion **TIAGO FERREIRA**
 make-up **VERÓNICA ZOIO**
 talent **IVVI ROMÃO**

sobretudo e brincos Bottega Veneta

TEXTOS Adriana Veríssimo Silva, António M. Barradas, Beatriz Nascimento, Carla Carbone, Francisco Vaz Fernandes, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Miguel Constantino, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Rita Ramos, Roger Winstanley, Sara Madeira, Sofia Seixo Garrucho, Telma Costa, Titus, Vânia Moura · **FOTOS** Diana Neto, Elisabete Magalhães, Elisabeth Teixeira, Francisco Spratley, Francisco Hartley, João Victor Czepak, Manuel Barbosa, Miguel Domingues, Rui Palma, Tatiana Saavedra · **ILUSTRAÇÃO** Effe News, Manuel Branco · **STYLING** Ana Silva, Rebecca Zola, Sara Soares, Tiago Ferreira

PERIODICIDADE Bimestral · **DEPÓSITO LEGAL** 272758/08 · **REGISTO ERC** 125392
EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. · **NIF** 508 399 289 · **PROPRIEDADE** Conforto Moderno Uni, Lda. · Rua Quirino da Fonseca, 25 – 2oesq. / 1000—251 Lisboa, Portugal
TELEFONE 00351 218 473 379 · **IMPRESSÃO** Suspensa. Disponível edição on-line.
DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. · **DIRECTOR** Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com · **EDITOR** Conforto Moderno · **EDITOR DE MODA** Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira · **DESIGN** Valdemar Lamego www.valdemarlamego.com → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 — 2022 PARQ.



Water-proof +
 Hater-proof

#ShowOut

merrell.pt

Hydro Moc by
MERRELL

YOU MUST	08	THIS IS SPARTA!
	09	DANÇANDO A VÁRIOS RITMOS
	10	THE UMBRELLA ACADEMY
	12	DE MÃO DADA
	14	MILAN DESIGN WEEK
	30	EILEEN GRAY
	34	AZULEJOS
	38	CÁPSULAS FLOREALES
	42	HEARTBREAK MIXTAPES
	46	DECIDE
	48	LOVER BOY
	50	PEDRO PEDRO
	70	BOLD
	72	ECLETIC
SOUNDSTATION	76	NICK CAVE
	80	SOLUNA
CENTRAL PARQ	94	BALLROOM
	106	MANUEL BRANCO
	116	MAG RODRIGUES
	126	JACQUES SULTANA
	138	IVVI ROMÃO
FASHION EDITORIAL	162	PEOPLE
	178	MAITÉ E SOFIA
PARQ HERE	190	W ALGARVE
	194	EDITORY BOULEVARD HOTEL ALIADOS
	198	GELATERIA LA ROMANA
	200	CRÓNICA PATRÍCIA CÉSAR VICENTE



GANT
FOOTWEAR

YOU
MUST

THIS IS SPARTA!

300 texto Rita Ramos

Viril, gráfico, sensual, poderoso e épico são alguns dos adjetivos usados pelos críticos de cinema quando se referem ao filme *300*. Um filme de guerra baseado na banda desenhada de FRANK MILLER e realizado por ZACK SNYDER que nos leva até à batalha de Termópilas que opôs espartanos a persas. É um filme másculo cujo registo em alta intensidade e cheio de testosterona nos prende em constante excitação.

300 conta-nos a história do Rei Leónidas (GERARD BUTTLER) e dos seus 300 soldados que enfrentam o numeroso exército do rei persa, Xerxes. O filme é narrado em tom de epopeia por um dos 300 soldados e a história contada começa logo no nascimento do Rei Leónidas. Um rei talhado para a guerra, para o patriotismo e para a glória. Uma das cenas iniciais do filme, e precisamente das mais reproduzidas, mostra-nos a chegada de um mensageiro persa que tenta convencer Leónidas a abdicar do trono de Esparta (a antiga Grécia era organizada em cidades-Estado) e subjugar-se ao rei-Deus Xerxes em troca de terra e água. Apoiado pelo amor incondicional da sua mulher e pela admiração do seu povo, Leónidas rejeita tal oferta com um grito guerreiro que se tornou a imagem de marca do filme: *This is Sparta!* Assim, estão lançados os dados para uma marcha apoteótica do Rei Leónidas e dos seus 300 soldados até ao campo de batalha, prontos e dispostos a morrer pelos seus ideais. O rei Xerxes (RODRIGO SANTORO, apesar de irreconhecível) mobiliza todo o seu exército de soldados, criaturas e feiticeiros na tentativa vã de quebrar Leónidas. Homens livres contra escravos. O fim é inevitável mas a glória espartana permanece.

Este filme desenrola-se de forma plena para os sentidos de quem o vê. Efeitos especiais evidentes e violentos que vão desde pontapés em câmara lenta a marchas de monstros sanguinários. Banda sonora irrepreensível ao cargo de TYLER BATES que nos deixa em estado de alerta permanente. Personagens simples e intensas com músculos definidos e pouca roupa. Amizade, amor, sexo, violência, traição e lealdade. Esta mistura de ingredientes faz de *300* um filme explosivo e que nos proporciona 2 horas de cinema de puro entretenimento sem pretensões a prémios da Academia. Foi estreado em 2006 e continua a ser revisto prazerosamente.



DANÇANDO A VÁRIOS RITMOS.

Cha Cha Real Smooth texto Lara Mather

O filme que estreou no festival de cinema Sundance 2022 e ganhou o prémio do público, *Cha Cha Real Smooth*, disponível na Apple Tv+, foi escrito e realizado pelo próprio protagonista, COOPER RAIFF, realizador Indie, texano de 25 anos.

O filme conta a história de um jovem recém-licenciado de 22 anos, Andrew que começa um negócio de entretenimento de festas de bar Mitzvah onde conhece Domino mãe de uma adolescente autista, Lola. Andrew apaixona-se por Domino mas o romance não se desenvolve por estarem ambos em fases de vida completamente diferentes, ele tentando encontrar um rumo e ela com responsabilidades. Partindo de diálogos fortes e verídicos COOPER foca-se apenas nas personagens principais e acaba por criar uma intimidade forte com o espetador. Torna uma narrativa relativamente simples, numa história emocionalmente impactante em que conseguimos criar empatia com as personagens, como se fossemos nós mesmos ou alguém que já passou por aquilo, conseguindo escapar aos clichés. Para além de COOPER o elenco é composto por DAKOTA JOHNSON, que também é produtora no filme, VANESSA BURGHARTDT, EVAN ASSANTE, LESLIE MANN, BRAD GARRET, RAÚL CASTILLO e ODEYA RUSH.

VANESSA BURGHARTDT que interpreta o papel de Lola, ela própria autista. Estreia-se neste filme com um papel belíssimo, unindo as personagens de Andrew e Domino conseguindo incluir o autismo de forma natural, sem moralismos ou julgamentos, provando que o cinema pode e deve ser inclusivo. A química entre os atores, especialmente com Dakota que faz de sua mãe, é naturalmente doce e perceptível.

Segundo COOPER, o título do filme surgiu-lhe inspirado na dança do cha cha slide, especialmente no momento em que se pede o improvisado da dança, em que cada um dança como quer. Ou seja uma bonita analogia ao percurso das personagens que se encontram em momentos de vida diferentes, em ritmos diferentes. O filme faz um perfeito retrato das complexidades das relações, mas de uma forma bastante simples com leveza, transmitindo normalidade e esperança. É um filme em que qualquer pessoa se consegue relacionar devido aos temas de dificuldades na família, relações amorosas, início da adolescência, início da vida adulta, escolhas e recomeços das nossas vidas. Normaliza os sentimentos, fracassos e vitórias fazendo-nos sentir perto das personagens. *Cha Cha Real Smooth* é um coming-of-age para todas as idades.



THE UMBRELLA ACADEMY

texto Lara Mather

A terceira temporada da série *The Umbrella Academy* estreou na Netflix dia 22 de Junho com grandes expectativas. Esta nova temporada abre exatamente onde a segunda nos deixou com mais ação e mais drama familiar disfuncional, trazendo mudanças ao mundo bizarro e paradoxal dos Hargreeves. Traz mais competição entre duas academias de super-heróis. Destaca também logo nos primeiros episódios a transição de gênero de ELLIOT PAGE, com os criadores da série a optarem também pela transição da personagem, Vanya Hargreeves, agora Viktor Hargreeves. Esta mudança foi feita de forma delicada e positiva e foi bem recebida pelos fãs. Adotados no dia 1 de Outubro de 1989 pelo excêntrico bilionário Reginald Hargreeves, interpretado por COLM FEORE, os sete super-heróis, numerados de 1 a 7, Luther, Diego, Allison, Klaus, Five, Ben e Viktor sempre tiveram uma má relação com o pai. Depois dos acontecimentos da segunda temporada em que viajaram no tempo para 1960, quase causando o fim do mundo, Reginald, decepcionado, decide voltar atrás ao dia em que nasceram e adotar cinco crianças diferentes, e Christopher, um cubo telecinético, todos com poderes, criá-las na mesma casa e apelidá-las de *The Sparrow Academy*. Como Ben tinha morrido, aparecendo em fantasma nas temporadas anteriores a Klaus cujo poder é comunicar com os mortos, Reginald decide adotá-lo novamente à nascença, pois foi o único que não teve oportunidade de o decepcionar, dando-lhe uma segunda chance. O grupo original tenta voltar atrás no tempo numa tentativa de evitar serem substituídos pelos Sparrow mas não consegue. Ao brincar constantemente com o fluxo do espaço-tempo, criam um paradoxo temporal que se manifesta num kugelblitz, um buraco negro que vai sugando pessoas e animais e quando ambos os grupos se apercebem deste feito, com Lila interpretada por RITU ARYA e Harlan interpretado por CALLUM KEITH RENNIE, decidem juntar forças para o destruir. Quando parece que estão todos a salvo o Mundo começa a desmoronar-se literalmente.

Atuações sólidas, figurinos e set design incríveis, com uma banda sonora interessante mas não original. A esta temporada juntam-se JUSTIN CORNWELL, BRITNE OLDFORD, JAKE EPSTEIN, GENESIS RODRIGUEZ e CAZZIE DAVID. A inclusão de mais personagens neste mundo fictício e paradoxal é feita sem tirar o foco das personagens originais já muito apreciadas pelo público. Um elenco com química que conta, desde a primeira temporada, com TOM HOPPER, EMMY RAVER-LAMPMAN, DAVID CASTAÑEDA, ROBERT SHEEHAN, AIDAN GALLAGHER, JUSTIN H. MIN e ELLIOT PAGE. Uma série de ação e ficção com super-heróis, agora com menos momentos cômicos e musicais, uma terceira temporada que traz novas narrativas revelando segredos e reviravoltas que vislumbram uma quarta temporada.



DE MÃO DADA

texto Manuela Marques

Miquelina e Miguel é a recente criação de MIGUEL PEREIRA (referência incontornável no panorama da dança, em Portugal), uma proposta arriscada e, simultaneamente, despretenhiosa, pela simplicidade do encontro entre mãe e filho, lado a lado, desta feita, pela primeira vez juntos, em cena, no teatro.

Miquelina tem 87 anos, decerto, repletos de inúmeras histórias para contar mas, hoje, possui uma condição neurológica degenerativa – de demência –, que lhe permite apreciar, viver, cada instante de forma espontânea e atemporal.

Miguel iniciou esta viagem desmemoriada, há cerca de uma década, aquando o diagnóstico. Esta circunstância possibilitou-o de redescobrir a sua mãe, que habita um universo particular – meio non-sense, onde, inclusive, ele se revê –, e assim escrever um novo capítulo na relação com ela, aprimorando o vínculo afetivo.

Em *Miquelina e Miguel* a verdade acontece, diante do nosso olhar, à medida que a peça se desenha num exercício de atenção e cumplicidade, pautada pela ternura da relação entre o artista e a sua mãe. O público é recebido como se entrasse no salão de festas, da casa de família, em Tomar, onde ambos esperam sentados, em cadeiras banais, no palco – dispositivo cru, praticamente desnudado de acessórios cênicos. Organicamente, sem a pressão do tempo ou da narrativa, e partindo de recordações pessoais, vão surgindo pequenas conversas e brincadeiras entre os dois, que desaguam, inevitavelmente, em duetos de dança.

Este espetáculo é uma reflexão sobre a Memória e, paradoxalmente, sugere que o esquecimento, consequência de se perder a memória, seja encarado numa perspectiva benévola, cuja contingência de não nos lembrarmos se revela libertadora, uma bênção. Indagando, portanto, que deixamos de ser reféns de memórias latentes que, quer recentes ou antigas, podem condicionar o nosso comportamento na vivência do presente, dado que funcionam como lembretes perenes. O neurocientista Richard F. Tompson afirmou que “Sem memória não há mente.”, na sequência lógica do Ser Humano possuir e desenvolver Consciência, facto que sublinha a ideia de que a nossa experiência do presente é sempre regulada pelo passado registado.

Durante a peça, é surpreendente reparar que a música e a dança desencadeiam reações em Miquelina, parecendo ativar memórias, não verbais, no seu Corpo. Haverá memórias que permanecem, e permanecerão, guardadas e ao dispor de ações vitais e sociais? Segundo a neurociência a Memória¹, de longo prazo, contempla, grosso modo, processos de *Memória Explícita/Declarativa* – acessível e ao serviço da consciência –, e de *Memória Implícita/Não Declarativa* – não inteligível, conscientemente –, e, quiçá, seja este o mecanismo que explica o fenómeno de o Corpo reagir, por reflexo, mesmo em caso de deterioramento cerebral.

Neste delicado espetáculo testemunhamos a construção permanente de memórias momentâneas, num jogo de improviso e imaginação que origina um diálogo autêntico, entre os dois, livre de julgamentos, onde decididamente a dança é espaço de comunhão. Miquelina e Miguel, pela sua partilha, consagram, sem-cerimónia, um novo paradigma: a memória como lugar dinâmico, sem necessidade de depósito, à semelhança do movimento, autónomo e em constante trânsito, ou seja, irrepêtil.

Com nobreza e honestidade, MIGUEL PEREIRA oferece-nos a oportunidade de observar a demência com a justa leveza, sem carga pejorativa, demonstrando-nos, pela sua relação lúdica com a mãe, que viver é estar disponível para caminhar de mão dada.



«MIQUELINA E MIGUEL», de 05 a 07 Julho, no TBA (Lisboa) | Direção artística MIGUEL PEREIRA | Interpretação MIQUELINA DA COSTA FREDERICO e MIGUEL PEREIRA | Colaboração dramaturgica PAULA CASPÃO | Apoio à criação BIBI DÓRIA | Desenho de luz HUGO COELHO | Colaboração no Desenho do Espaço Cénico ANDRÉ GUEDES | Produção O Rumor do Fumo | Coprodução Teatro do Bairro Alto | Fotografia JOANA LINDA

1. LEDOUX, Joseph; “O Cérebro Consciente – uma Longa História da Vida”; Temas e Debates – Circulo de Leitores; 2020 _ pp. 327-352

MILAN DESIGN WEEK

E tudo voltou ao normal? texto Francisco Vaz Fernandes

Se alguém procurasse um evento que marcasse o início da normalidade, o Salone del Mobile em Milão, um dos maiores eventos mundiais, bem podia assinalar esse ponto de passagem. Evidentemente, a organização teve que adiar a feira do habitual mês de Abril para Junho, para evitar a pico da 5ª onda do Covid na Itália e, assim, estabelecer uma data mais favorável para reencontros. Houve quem notasse muito a falta dos nórdicos que preferiram investir em certames congêneres que aconteciam na Escandinávia na mesma altura. Ainda assim, houve quem não tivesse reparado nas ausências porque o Salone del Mobile voltou a ser grandioso.

Durante estes anos de pandemia a indústria criativa, a que não dependia da presença de um público ao vivo, não esteve parada. Pode concentrar-se no desenvolvimento de novos projetos que chegaram a ser lançados nas suas plataformas digitais. As ligações entre profissionais existiam e faziam-se agora a distancia, mantendo assim o dinamismo. Na verdade foi um tempo em que certas problemáticas, como as questões relativas as mudanças climáticas, tiveram tempo de crescer.

Vistas agora do prisma de quem sofreu o choque de uma pandemia que obrigou a mudanças de comportamento súbitas, o imperativo da sustentabilidade apenas agudizaram-se entre os profissionais do sector. Designers de produto, automóvel, moda, arquitetos de interior, decoradores, todo o tipo de profissionais que em geral se cruzam por Milão nessa época tiveram como ponto fulcral a questão da sustentabilidade. Os expositores de marcas clássicas e novas apresentaram projetos que focavam a questão quer fosse através dos materiais, ou pelas próprias práticas de produção. Floresceram então materiais e formas orgânicas inovadores, assim como, se deu grande espaço ao handmade e inspirações folk. Numa época que se impõem muitas mudanças e adaptações, naturalmente trouxe a Milan Design Week muitas novidades. Mesmo quando não parecia tão novo porque eram projetos que surgiram durante a pandemia e foram divulgados através de redes sociais das marcas, encontraram aqui pela primeira vez na feira o seu público ao vivo. Este ano tornou-se mesmo numa espécie de condensação do melhor dos últimos três anos. E o que aconteceu nos últimos três anos? Generalizando, as marcas procuraram colaborações com designers famosos que garantissem o sucesso do produto. PATRICIA URQUIOLA, sem dúvida é a designer mais apetecível do momento e parecia estar presente em todo o lado. Para os mais críticos é uma situação que faz com que a oferta de produto design seja cada vez mais igual, independentemente das casas de edição. Se bem que o design de linhas minimalistas de influencia escandinava continue prevalecente há igualmente propostas que vão beber na cultura pop, onde podemos encontrar igualmente influencias no novo riquismo dos anos 80, no exotismo do pós-modernismo ou até referencias ao movimento Memphis. O resultado é um design colorido e divertido. As vezes é como se voltássemos a infância e pretendendo que as nossas futuras casas se transformem num parque de diversões.

URQUILA, na sua versão, tradição vernacular alimenta esse tendência assim como INDIA MAHDAVI que este ano assinava uma linha para a austríaca thonet. A Mutina a partir da colaboração como NATHALIE DU PASQUIER criou um ambiente imersivo a partir dos azulejos e outro tipo de projetos em cerâmica produzidos pela artista plástica francesa com a Bitossi. Recorrendo ambientes geométricos, a uma certa ideia de manualidade, ela reconstrói o ambiente de uma tela fauvista numa paisagem quadricolada. Ainda sobre o domínio da cor, a designer de interiores dinamarquesa, TEKLA EVELINA SEVERIN, uma celebridade no instagram sob a conta *@teklan*, criou a partir de peças da espanhola Sancal um conjunto de espaços pensados como diferentes ambientes de um apartamento. Como sempre, cria uma atmosfera bold,

- 1 Cadeira Loop de India Mahdavi para a Thonet
- 2 Coleções de Patricia Urquiola para a Cimento
- 3 Tapete de Patricia Urquiola para a CC-Tapis

1



2



3



monocromática que se aproxima de uma ilustração e que fica essencialmente bem enquanto imagem própria para as redes sociais.

A relação entre o design e a arte é cada vez mais explorado e em parte apenas responde ao aparecimento crescente de colecionadores para a área do design que evidentemente orientam as suas coleções para a raridade de peças históricas ou então para peças únicas criadas por designers contemporâneos. Nesse sentido, NILUFAR GALLERY é um projetos que parece reunir as duas realidades e que se tem afirmado nos últimos anos como uma presença incontornável em Milão. Conduzida pela iraniana NINA YASHAR esta edição propôs o *Reborn Project* comissariado por FREDERIC CHAMBRE que colocou em dialogo peças históricas transformadas com peças contemporâneas unidas pelos vibrantes tapetes de MARTINO GAMPER. Numa entrevista que deu na altura para Interni NINA YASHAR fez um resumo sobre as suas propostas para a actualidade “...Queremos representar hoje em dia o zeitgeist, que já não é sobre um estilo único, mas, sim, sobre abundância, heterogeneidade, colaborações, encontros de opostos, misturas e diálogos. O gosto contemporâneo não se define por um tipo exclusivo de estilo, mas pela valorização da cultura visual como um todo, aceitando e querendo a riqueza de estímulos que o mundo proporciona.” O seu segundo espaço, na Via della Spiga no centro de Milão, recebeu as propostas KHALED EL MAYS, um projeto que resultava num patchwork de texturas padrões e cores com um caracter psicadélico que procura subverter as questões do gosto dominante. Uma outra exposição muito comentada este ano foi a *Why Now*, uma proposta de ANNALOSA ROSSO realizada no Spotti Milano, um showroom da cidade . A ideia da diretora da revista Icon não tem nada novo para além de um olhar crítico sobre o design que se produz atualmente. Trazendo mais de 30 designers criou vários ambientes para uma possível habitação sem grandes hierarquias e multifuncional. Segundo as suas palavras procurou ir além do debate, design industrial versus peças únicas do collectible design, seguindo apenas o seu gosto pessoal.

Por fim, o último ponto de referência para quem procurasse um design inovador, Alcova oferece um espaço onde todos os novos projetos e jovens designer querem estar. Trata-se de um antigo hospital militar desafeto com uma área de três mil metros quadrados onde encontramos exposições que exploram o desenvolvimento da tecnologia, materialidades, sustentabilidade, práticas sociais e outras ramificações do design. A grande novidade deste ano é a secção *Curated by Alcova* (VALENTINA CIUFFI e JOSEPH GRIMA), uma plataforma dedicada a talentos emergentes de escolas de design em toda a Europa. Na sua *Utopic Island* podemos encontrar as propostas da BOHINC STUDIO que propõem uma coleção cápsula inspirada na forma feminina, com algo space age. Destaque ainda para os moveis de jardim da *Otherside Objects* de SAM KLEMICK, cujos os estofos parecem derreter-se sobre as suas próprias estruturas. Como acontecia nas edições pré-covid as grandes casas de moda continuam a ser as empresas que mais investem nos espaços cénicos, mostrando que estão ali para estender o seu mercado de luxo à área do house living. Nesta edição tivemos a Hermès que parece ter capitalizado maior atenção, em conformidade com espetacularidade da sua instalação num ginásio As suas tendas monumentais em papel de arroz criadas para expor as novidades da casa funcionavam como gigantescas lanternas chinesas. O seu grande impacto visual e fotogenia valeu-lhes que o seu projeto fosse o que mais circulou nas redes sociais. Todos os presentes na feira quiseram testemunhar a sua exuberância. De resto, a LOUIS VUITTON continua a investir nos seus *Objets Nomads*. FENDI é outra das casas de moda que merece ser olhada. Este ano estava em Brea mostrando as novidades num apartamento recriado. Já a DOLCE&GABBANA, jogando em casa, aproveitou o evento para oficializar a sua nova loja em Milão dedicada ao produto casa. A coleção segue a linguagem que os seus criadores têm explorada nos últimos anos, trazendo a essência da Sicília em cores e padrões impressos. Diria ser um extensão da sua linha de vestuário que partilha esse espaço em Milão.

1



2



3



4



1,2 Otherside Objects na Alcova
3,4 Propostas de Studio Pepe para a Baxter

1



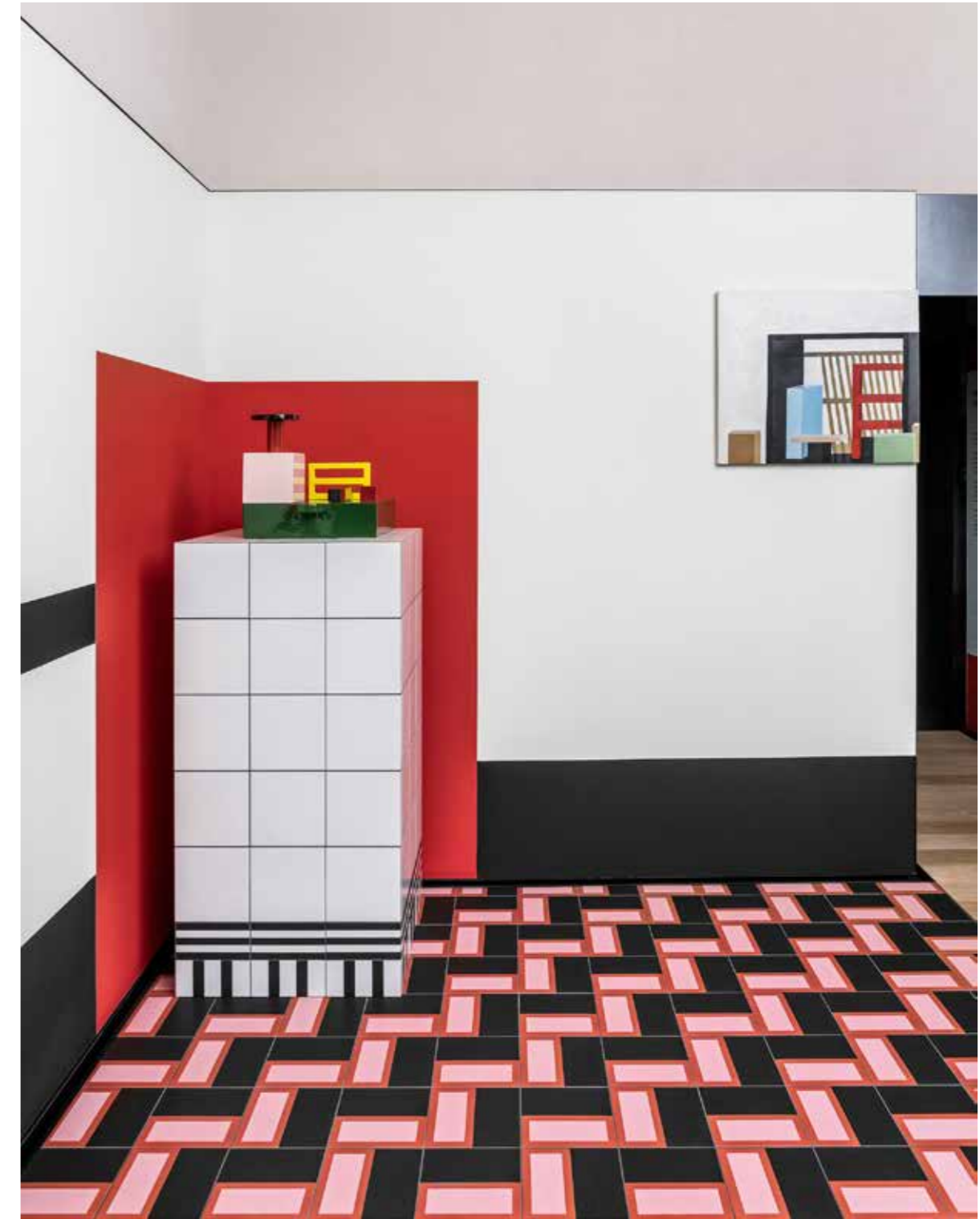
2



18

YOU MUST SEE

3



1, 2, 3
 Arranjo expositivo de Nathalie du Pascalier
 para a Mutina

19

YOU MUST SEE

1



2



1, 2
Espaço da Sancal criado por
Tekla Evelina Severin

1



3



2



1,2 Reborn Project com Martino Gamper
na Nilufar Depot
3 Khaled El Mays na Nilufar Gallery

1



3



1,3 Bohinc Studio na Alcova
 2 Cadeira Loop de India Mahdavi para a Thomet

24

YOU MUST SEE

25

YOU MUST SEE

1



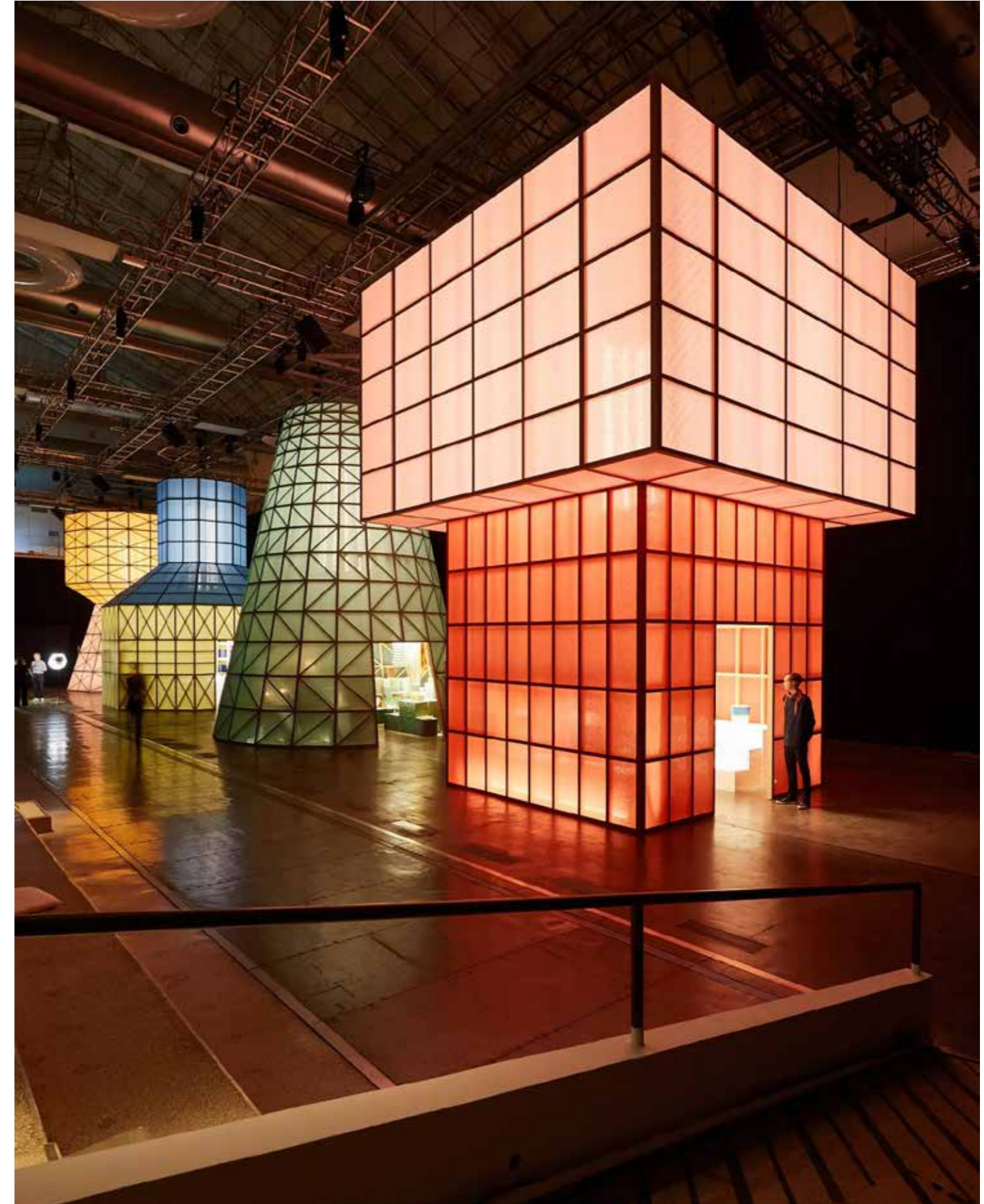
2



3



4



1, 2, 3 Exposição Why Now de Annalosa Rosso na Spotti Milano
 4 Instalação da Hermès em Milão

1



2



1, 2 Nova Loja Dolce&Gabbana em Milão

EILEEN GRAY

Arte Total texto Carla Carbone

No final do ano de 2021, no mês de novembro, decorria um acontecimento muito importante em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Contemporânea, um acontecimento mágico e assombroso, a inauguração de uma exposição sobre a vida e obra da designer irlandesa EILEEN GRAY, *Eileen Gray. E.1027, Arte Total*.

Em destaque, na exposição, encontravam-se algumas células da casa E. 1027, nomeadamente o icónico quarto que tanto nos habituámos a ver nos livros, a preto e branco, com uma imagem difusa impressa, que não nos permitia apreender o quão perfeccionista era o trabalho de GRAY, o seu gosto pelo pormenores, e ainda a escolha criteriosa dos materiais.

A exposição itinerante, desenvolvida pelos curadores CAROLINA LEITE, WILFRIED WANG e PETER ADAM, já teve a oportunidade de percorrer a Akademie der Künste em Berlim (2019), a FAUP, no Porto (2019), o Instituto de Arquitetura Basco em San Sebastián, e o recente MNAC.

EILEEN GRAY era uma mulher do seu tempo. Inscrevia-se num modernismo de cariz reducionista, porém, ainda a ligavam, por linhas invisíveis, as influências vitorianas tardias, a arte nova e o gosto pela natureza. A designer também não esquecia a importância do humano, fosse pela adequação das suas peças ao corpo dos homens, com uma atenção redobrada no conforto, fosse pelo impacto psicológico provocado pelos objetos.

Na primeira casa que desenhou, E. 1027, EILEEN GRAY preocupou-se com o exterior do bloco edificado mas também pelo seu interior, ao contrário dos arquitectos do seu tempo, como terá dito, que davam primazia à fachada, ao seu envólucro, em detrimento do seu conteúdo.

E.1027 era uma casa que ficava próxima do mar, em Roquebrune-Cap-Martin, no Sul de França. Os acessos, conduziam assim, para a paisagem marítima, para o sol e para a luz. Apesar do essencialismo das formas e do mobiliário contido, EILEEN GRAY nunca esqueceu as necessidades do ser humano e acreditava que, embora já fosse adepta da tecnologia e do avanço científico, o homem e a sua natureza não deveriam ficar para segundo plano. Desenhar, projetar, mas assegurando as necessidades humanas. O homem não poderia ser vítima da tecnologia. A máquina não poderia destruir a natureza, mas sim colaborar com ela.

É por isso que, na casa E.1027, vemos os acessos e as suas artérias, apesar de inundadas de esconderijos e labirintos, orientadas para o Mar, para a contemplação, para a imaginação. Em permanente fluxo, consciente do tempo moderno e do novo homem que vivia em constante descoberta, em contante movimento.

Os objetos de GRAY revelavam esse movimento. Eram ao mesmo tempo multifuncionais, e transmutáveis. Camaleónicos, transformavam-se de acordo com as necessidades do utilizador.

No mobiliário do quarto, por exemplo, luzes incrustadas na cama lembravam a iluminação noturna que era habitualmente utilizada no interior dos carros. EILEEN GRAY elogiava assim o movimento, a inovação, a velocidade, o entusiasmo pelas atividades ao ar livre, o gosto pelas viagens. Evocava o homem moderno mas, ao mesmo tempo, forte e saudável, e ainda sonhador e aventureiro. Na mesma célula da casa, E. 1027, no quarto que falamos, havia um jogo de espelhos que era basculante. Podíamos ver vários deles articulados, como descreve PETER ADAMS, cineasta e amigo da designer, num texto dedicado a GRAY:

“Havia toques pessoais que refletiam o seu sentido de humor: um espelho deslumbrante, mais tarde conhecido como Espelho de Satélite, tinha um encaixe elétrico que permitia que a luz caísse sobre o espelho sem causar brilho. Um braço articulado tornava possível mover uma lupa que ampliava o rosto para barbear. Em outro espelho, um canto poderia girar para servir a “Madame petite et coquette” ou para servir o “moussieur qui aime se regarder la nuque”.



Os espelhos poderiam ser mais um exemplo da inspiração, e referência, de GRAY, aos motores, à velocidade, à viagem, à tecnologia.

Em outro momento ADAMS explica: “numa larga sala de estar, uma das paredes encontrava-se completamente coberta por um mapa das ilhas Hispaniola e Puerto Rico, onde EILEEN cobriu, em stencil, as frases “Vas-Y-Totor (go on Totor(..)) e “Invitation au Voyage”, um título de um poema de CHARLES BAUDELAIRE, chamado “*Sleen et Ideal*”.

EILEEN GRAY, sem sombra de dúvida, absorveu as pulsações do seu tempo. Foi também uma designer e arquitecta sensível à arte, e sobretudo presenciou e apreciou o manifesto futurista, e nos seus contornos mais apologistas do dinamismo e da ação. “tudo se move, tudo é veloz, tudo acontece rapidamente”. Há sobretudo

do um excerto do manifesto, escrito por MARINETTI, que parece traduzir essa influência multi-sensorial, que tanto habitou o espírito de GRAY, no momento em que desenhava as suas peças:

“(..) o mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de halito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo do que a Vitória da Samotrácia.”

Com facilidade, por esse motivo, conseguimos imaginar, quicá, GRAY a maravilhar-se com os pintores futuristas, de CARRA a RUSSOLO, de BALLA a BOCCIONI, entre outros; ou até com o dadaísmo da fotografia de MAN RAY. GRAY não só projetava casas e objetos, como pintava e fotografava.

EILEEN GRAY era sobretudo uma artista completa. Não somente as suas casas transmitiam um espírito coeso, e exigência, próprios da obra de arte total, onde a designer não excluía o factor surpresa, como envolvia as diferentes disciplinas, desde a pintura à arquitetura, do design à fotografia.

As suas peças de design parecem imantar, além da função, ou funções, para as quais estavam destinadas, as preocupações plásticas do seu tempo: a libertação da pintura das suas referências tradicionais naturalistas, das suas narrativas e conteúdos. Como os sons ribombantes em SCHWITTERS e RUSSOLO, na música, em que já só importava os sons e ruídos, e não tanto o programa linear, a história, ou ainda na poesia, em que mais do que o significado da palavra, interessava o som. Os silêncios de GRAY conduziram-nos às superfícies monocromadas lacadas, aos elementos basculantes, aos pormenores de união entre peças.



Master Bedroom, cerc.1929,
Eileen Gray® National Museum of Ireland

Vista E1027® Viviana Andrada Bauman



AZULEJOS

Noé Duchaufour-Lawrence texto Francisco Vaz Fernandes

O designer francês, residente em Portugal, NOÉ DUCHAUFOR-LAWRANCE, volta a investir nas tradições portuguesas, explorando as potencialidades que o azulejo de tradição portuguesa lhe oferece. Nesse sentido, com a ajuda dos técnicos da centenária Viúva Lamego realiza um conjunto de 3 painéis que simulam a costa atlântica e que podem ser vistos em Lisboa, no Made in Situ, espaço de exposição e de escritório do designer. O projeto intitula-se simplesmente azulejo e tem a particularidade de recriar o relevo costeiro que se pode encontrar desde a sua região natal na Bretanha até à península de Setúbal. Na prática foi como se toda essa da costa fosse esticada com todos os seus acidentes topográficos fosse apresentado numa linha reta.

Nesse sentido a fileira do coto de argila no topo do painel aparece dividida por uma zona vidrada plana e outra não. Estabelece uma linha de fronteira onde a cor térrea da chacota não vidrada remete-nos para o relevo da costa assim como os brilhos esverdeados escuros do cobalto misturado com tons claros nos remetem para o mar profundo. A sensação de estarmos perante a recriação de uma fotografia aérea da Costa é imediata. O efeito espelhado da matéria vidrada faz com que a superfície ganhe nuances e um certo efeito de movimento. Nesse sentido o trabalho de NOÉ DUCHAUFOR-LAWRANCE mergulha essencialmente nas potencialidades que a matéria e arte do azulejo oferecem mais do que estabelecer um padrão. Houve todo um processo de pesquisa com avanços e recuos até chegar a expressão que evidentemente se assemelha tanto a costa marítima.

Os três painéis funcionam como obras únicas mas evidentemente são o princípio de um trabalho que se pode adaptar a outras superfícies e a outros enquadramentos. A apresentação do trabalho é minucioso, dando ainda destaque ao suporte de madeira onde encaixa o painel assim como ao ambiente sonoro que é da responsabilidade de Moullinex. A exposição é ainda composta por outros elementos que criam um quadro descritivo do processo de pesquisa.

NOÉ DUCHAUFOR-LAWRANCE já tinha realizado outros projetos onde procurou explorar as tradições artesanais portuguesas. Em 2021 apresentou um conjunto de barros negros que se produzem com a combustão de madeira enterrada, com a participação de artesãos de Moledo. Para o designer é importante inserir a sua produção dentro de um ecossistema humano existente. Também tem desenvolvido trabalhos que exploram as potencialidades da cortiça.

Made in Situ
Trv. do Rosário, Lisboa
T. 918 844 380
(visita marcada)





CÁPSULAS FLOREALES

Sofiatabouche convida Margarida Lopes Pereira

texto Francisco Vaz Fernandes

A colaboração surge de práticas artísticas comuns que passam pela recuperação de materiais fabris desperdiçados, uma opção que se torna numa chamada de atenção à nossa forma de criar e consumir. A coleção *Cápsula Azul de Sofiatabouche* com impressões de jarras estabelecem pontes com as peças criadas em esponja, as *Ludi Floreales* que MARGARIDA LOPES PEREIRA costuma criar.

Essa contaminação que descobrem no trabalho de ambas, celebra-se numa sessão fotográfica que tece como cenário escolhido, o armazém de uma loja de estofagem. A ideia foi unir origens de contextos de ambas. As criações de SOFIA partem de roupas que os operários usavam em fábricas industriais. Já as peças da MARGARIDA partem da reciclagem de esponja que resta dos cortes realizados para a estofagem. Ao fotografar as jarras neste local, pretende-se mostrar o material de origem, o seu contexto fabril em contraste com as peças que surgem no processo criativo e assim como estabelecer uma ligação entre os objectos de MARGARIDA LOPES PEREIRA e o vestuário de SOFIATABOUCHE.

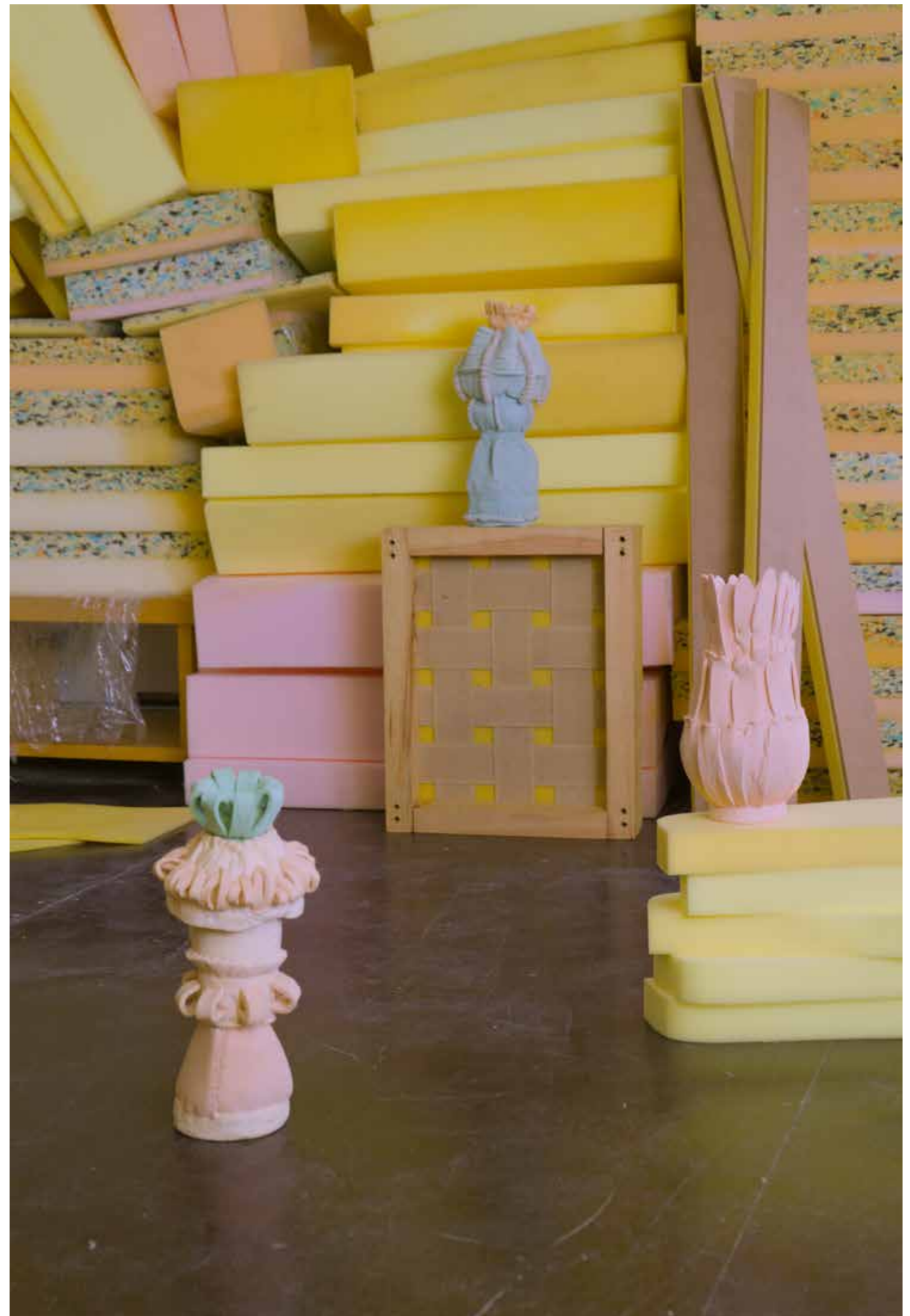


Fotografia: @manuelbarbosa_

Agradecimentos: @novonovo.co e @atelier_fatimaneto

Autoria de: @margaridalpereira e @sofiatabouche





HEARTBREAK MIXTAPES

Y.azz entrevista por Miguel Constantino, fotografia Elisabete Magalhães, styling Raquel Guerreiro & Maria Nobre, make-up Daniela Alsopp

MARIANA PRISTA, mais conhecida por Y.AZZ, tem vindo a conquistar o seu lugar no mundo da música portuguesa. Numa primeira fase em colaboração com MARGARIDA ADÃO, nome artístico B-MYWINGZ, ambas contaram com várias atuações em festivais portugueses. Contudo, em 2021 anunciou a sua carreira a solo com o lançamento do single *Love Language*. Desprevenida de preconceitos e carregada de introspeções pessoais lança mais tarde o álbum *Heartbreak Mixtapes*, repleto de histórias de amor ou de desamores. Y.AZZ, reflete a sua vulnerabilidade nas próprias criações artísticas de uma forma singular e disruptiva. MIGUEL CONSTANTINO esteve à conversa com a Y.AZZ de forma a descobrir mais sobre o seu percurso, e de que forma este se reflete, positivamente, nas suas criações.

Após vences o concurso EDP Live Bands, em 2019, com a B-MYWINGZ, e de terem lançado um álbum em conjunto *Cycles*, o que te inspirou a criares o *Heartbreak Mixtapes* a solo?

Apesar de ter gostado do desafio de criar um álbum em colaboração com a B-MYWINGZ – que tem uma identidade artística tão vinculada e própria – acho que acabei por me limitar um pouco na maneira como abordei certos temas, e mesmo em como comuniquei todo esse álbum pós-lançamento, porque falar por dois nunca é fácil de gerir. Cada pessoa tem a sua perspetiva/experiências que afetam a maneira como interpretamos a música ou a letra. Quando me lancei a solo foi exatamente por sentir que precisava de criar um espaço na minha arte que fosse só meu, para me dar liberdade para tocar em assuntos mais pessoais e sensíveis e para poder ter essa experiência de crescimento – profissional e pessoal. E até mesmo para me permitir brincar um pouco mais com a música e como a faço. Senti que tinha de lançar o *Heartbreak Mixtapes* para encerrar um certo capítulo em mim e lidar com alguns traumas que não me fazia sentido escrever sobre num projeto que não era só meu.

Lançaste em 2021 o single *Love Language* que foi o tema escolhido para antecipar o lançamento do EP *Heartbreak Mixtapes*, no início deste ano. Porquê esta música?

É engraçado, não foi a minha escolha inicial, na altura até estava muito inclinada para lançar a *Trouble* como primeiro single, mas a única certeza que eu tinha era relativamente à *Angel Energy* – que tinha de sair no dia 14 de Fevereiro – muito antes de saber o que seria o EP em si. E isto é uma pergunta quase com rasteira porque hoje em dia tenho uma relação muito amor-ódio com esta música. Quando a escrevi saiu-me muito intuitivamente, foi a primeira vez que escrevi sem estar preocupada com metáforas e reflexões introspetivas e tudo aquilo que eu adoro fazer quando escrevo. E, realmente, mudou toda a maneira como escrevo música hoje em dia, deu-me outros olhos para atacar o resto do disco. Porém, sinto-a mesmo como um início, uma intenção, como a busca de uma direção para o universo que criei depois, mas não acho que estivesse tão consciente disto na altura, foi só algo que pareceu certo no momento.

O tema das relações amorosas e as emoções em torno do amor está sempre muito presente no teu trabalho. Consideras este um tema fulcral para a tua arte?

Considero que seria algo que mesmo que quisesse evitar nunca ia conseguir, porque eu sou uma



peessoa muito emocional e alguém que sempre teve muita dificuldade em expressar-se na vida real — que é algo que tem vindo a mudar com o tempo. Sempre senti uma grande síndrome de impostora, como se o que eu tivesse a dizer não fosse importante ou ninguém quisesse ouvir, então impedia-me de falar abertamente ou até de fazer certas coisas, isto fez com que fosse tudo canalizado para a minha arte, e mais tarde para a minha música. No início, acho que ainda tentei ser mais subtil e impessoal, apesar de ser sempre pessoal para mim, mas acabei por precisar mesmo de ser transparente e mais óbvia enquanto avançava. Depois fiz um EP só à volta deste tema, mas há muito mais para além disso para onde quero canalizar para a minha arte. E para responder à pergunta — sem dispersar mais — acho que foi importante neste momento focar-me nessa temática. Acho que é sempre relevante falar do coração e ser-se vulnerável na arte e isso, para mim, acaba sempre por passar por relações, por amor e amor próprio. É um tema sobre o qual me vejo a falar no futuro, mas gostava também de abordar assuntos diferentes que me impactam a mim como ser humano e que refletem sobre o que se passa no mundo.

As tuas vivências e as que conheces de outras pessoas tiveram algum papel no teu processo criativo?

Eu adorava ser capaz de escrever sobre qualquer coisa/situação, mas nunca me acho no direito de falar sobre algo que nunca vivi e já que tenho tantos traumas tenho que os aproveitar de alguma maneira (risos). Mas falando a sério, é muito isso, não seria capaz de explorar a história dos outros para criar algo. E digo explorar no sentido de aproveitar e desenvolver um tema para algo que seria meu. Para mim escrever é um processo muito pessoal e que vive inteiramente na minha cabeça, e é mesmo complicado quando tento fugir a isso, até porque não me identifico e acabo por nunca estar satisfeita com o resultado.

O meu processo criativo alimenta-se de tudo o que já vivi, e é a minha história — partes dela pelo menos —, e não me vejo a sair imenso desse registo na maneira como crio, mas como tudo está em constante mudança é possível que daqui a uns meses a resposta mude.

O mundo sonoro das tuas músicas mostra uma influência de R&B, pop eletrónico e hip hop. Este álbum em particular tem também tons de jazz, o qual sei que aprecias bastante, e algo que se aproxima do chill hop e dancehall. Como fazes para navegar por entre estes estilos? Quais são as tuas inspirações?

Acho que uma das minhas qualidades enquanto artista — se é que lhe posso chamar isso — é não me prender demasiado a géneros musicais. Não gosto de me limitar a nada sem experimentar pelo menos — claro que me identifico mais neste universo de R&B e pop ultimamente. Contudo, estou sempre mais concentrada em como me encaixar a mim em instrumentais de influências diferentes, do que propriamente em encontrar instrumentais específicos, quando alguma coisa faz um click é disso que eu “vou atrás”. Relativamente a inspirações, eu sempre disse que quando estou a criar acabo por ouvir pouca música, mas há artistas que admiro imenso como a DUA LIPA, KENDRICK LAMAR, JORJA SMITH, TYLER THE CREATOR, que são artistas que eu tenho como inspiração pelo universo que criam à volta de cada álbum. É tudo pensado, é um mundo construído para além da música que fazem e eu acho isso incrível, e é algo que adorava traduzir no meu trabalho também.

Sentes que conseguiste enquadrar uma certa melancolia no teu característico estilo vibrante e disruptivo?

Acho engraçada a pergunta, porque não é algo que faça intencionalmente, acho que é só uma característica minha como pessoa ser melancólica. Mas agradeço achares o meu estilo disruptivo,

nunca me descreveram assim, mas adoro.

Para terminar, tens mais alguma coisa preparada para um futuro próximo? O que podemos esperar de ti?

Mais cedo do que até eu estava à espera, tenho um novo single a caminho, e possivelmente mais um EP no final do ano, quem sabe. Não me quero comprometer demasiado a esse statement porque posso mudar de ideias, mas inicialmente o *Heartbreak Mixtapes* seguia um formato de cassette e tinha o lado A (que foi o que saiu em Fevereiro) e o lado B — que é aquele que estou aqui a guardar enquanto tomo algumas decisões de vida. Mas acho que me faz sentido lançar este ano ainda para dar uma conclusão a esse capítulo da minha vida.



DECIDE

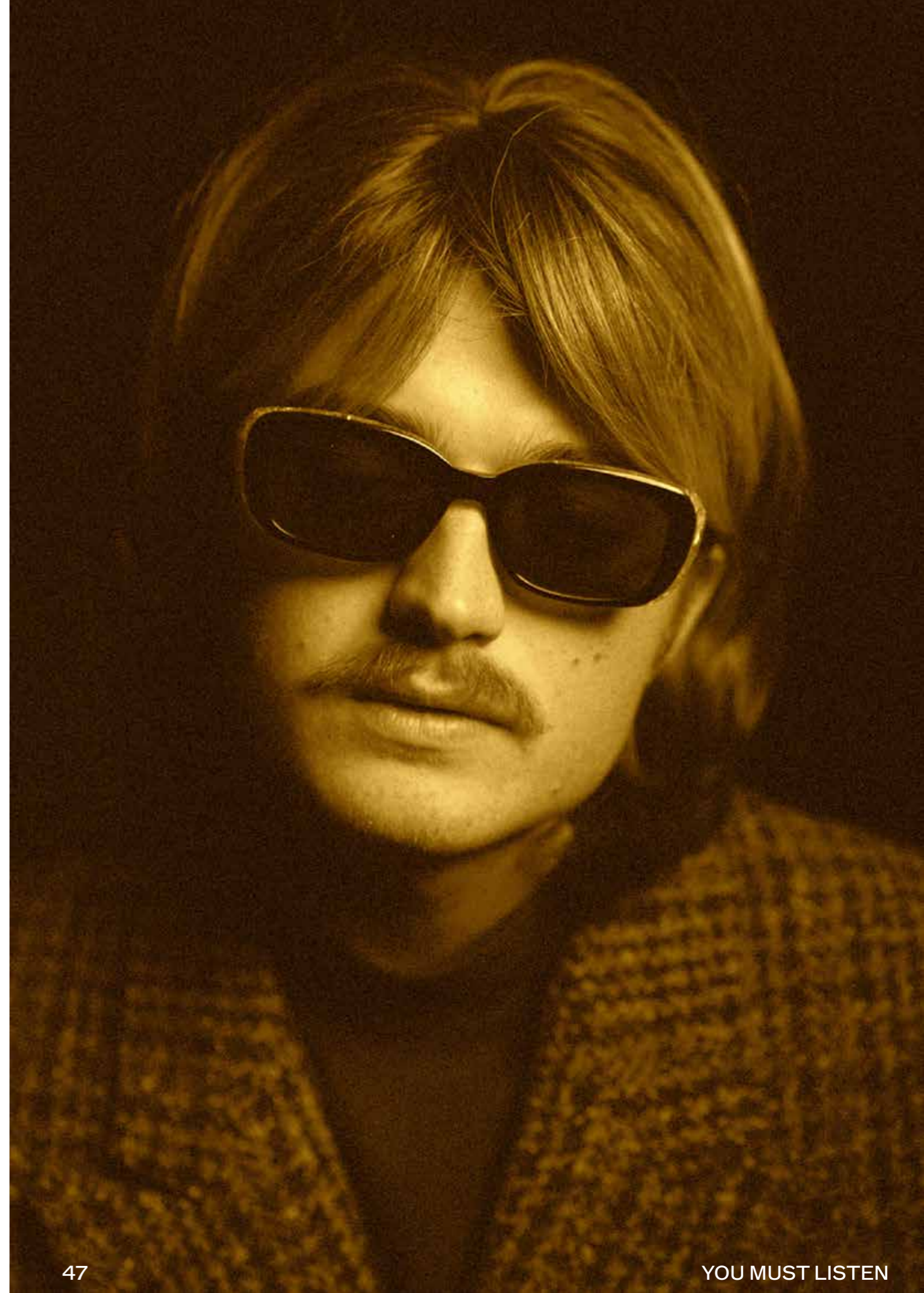
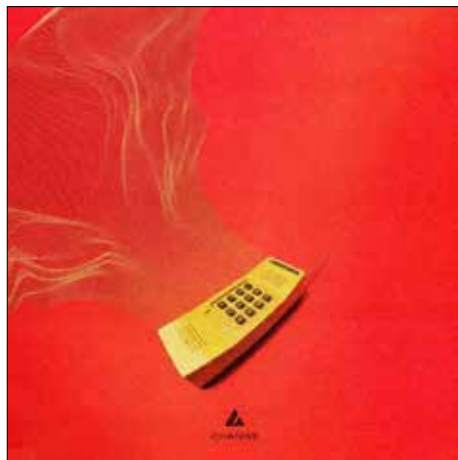
Djo texto Miguel Constantino

Da representação ao mundo da música, JOW KEERY, também conhecido por STEVE HARRINGTON – da icônica série norte-americana *Stranger Things* – divulgou a 22 de junho nas diversas plataformas digitais o novo single *Change*. Mas foi em 2019 que, com o seu nome artístico DJO, se estreou com o álbum *Twenty Twenty* de 12 faixas de estilo rock psicadélico. A representação não o manteve afastado da sua outra paixão, a música, e anuncia agora o seu novo álbum, *Decide*, com data prevista a 16 de setembro de 2022.

A música sempre esteve presente na vida de JOW KEERY, desde a sua adolescência. Ainda na faculdade, em Chicago, fez parte de uma banda de rock alternativo, os POST ANIMAL. Mas foi durante as gravações da segunda temporada de *Stranger Things* que escreveu sozinho o seu primeiro álbum.

DJO promete uma nova era musical, assim como indica o nome do seu novo single *Change*. Dando provas desta mudança, DJO repleto de criatividade e originalidade publicou nas suas redes sociais um número telefónico para que os seus fãs pudessem ouvir um teaser do novo single, e só mais tarde é que lançou a versão oficial – mas por enquanto ainda sem vídeo-clip.

Decide, o novo álbum ainda por estrear, promete música dentro do estilo musical psych-pop. Repleto de reflexões de crescimento interpessoal e de relacionamentos amorosos, este álbum certamente vai criar várias sensações e emoções em quem o ouvir – decerto que positivas e apaixonantes. Sendo que já é possível comprar bilhetes para a sua tour, que por enquanto se mantém nos Estados Unidos da América.



LOVER BOY

Hayden N

entrevista por Patrícia César Vicente

HAYDEN N. é a prova de que todos os artistas nascem artistas, é coisa de alma que vai para além do corpo. Está acima de opiniões e dois passos à frente de qualquer preconceito. Músico, produtor e cantor. Nesta entrevista não lhe perguntei quantos instrumentos musicais ele toca, mas asseguro-vos que são muitos. E maioria de nós precisava de mais do que uma vida para aprender. No caso do HAYDEN apenas deve ter precisado de tarde e meia, ou algo que o valha. Em resposta aos sonhos que tem... “Ser o primeiro artista pop trans a ser reconhecido em Portugal e mostrar também uma história feliz”. Isto revela muito sobre carácter, resiliência e vontade. E acreditem que se vão surpreender com este primeiro single do HAYDEN N. *featuring* CARLISANDIA. O primeiro single *Lover Boy* está disponível desde o início de Julho em todas as plataformas. Fui uma das pessoas sortudas que já ouviu a música e asseguro-vos de que fica no ouvido e felizmente podemos dizer que há algo de novo, que foi pensado e produzido com a vontade de criar uma nova direção na música, e não apenas seguir o que é tendência. E acima de tudo, gostava que soubessem que ao ouvirem a música simples e leve, vão também entender que se trata de uma feliz reunião do o artista, da música e do talento que veio para ficar. E claro, nenhum preconceito poderá anular o motivo pelo qual nasceste. Nenhuma história fala mais alto do que aquela que é contada por quem vive ao som da sua essência. Fica a entrevista de HAYDEN N. para a PARQ MAGAZINE, a assinalar o primeiro de muitos outros singles que ainda vamos ouvir. Por aqui acreditamos que de hoje a um ano estaremos todos a vê-lo em cima de um palco com esta música, entre outras.



Por palavras tuas, conta-nos o teu percurso. Quem é o HAYDEN?

Eu sou aquilo a que se chama um *major nerd*. Passo dias a produzir música no meu estúdio e quando não o estou a fazer estou a ver tutoriais de produção e a ver mais instrumentos para comprar e adicionar à minha coleção. Sou fã dos 80's e dos sintetizadores e sou obcecado em criar e aprender. Falando do meu percurso sinto que deveria falar do meu passado, no entanto não me sinto confortável em associar o meu sucesso ao meu *dead name* e às coisas que fiz anteriormente. Apaguei todos os trabalhos passados e sinto que o meu percurso começou realmente em 2021 quando iniciei a minha transição hormonal e dei espaço à criação da minha nova identidade artística como HAYDEN N. por isso, posso dizer que tenho estado feliz, a trabalhar como *music producer full-time*, a participar de *songwriting camps* e a trabalhar no meu projeto solo.

Este teu primeiro *single* quanto tempo demoraste, quais as influências e inspirações?

Comecei o processo de estúdio em Fevereiro. Curiosamente comecei este *single* pelo refrão (algo que não costumo fazer), sentei-me à frente do meu teclado a experimentar sons e tudo fluiu muito naturalmente. Comecei a cantarolar a melodia do refrão também com umas palavras à mistura e apercebi-me rapidamente que a música tinha um bom potencial para ser o meu primeiro *single*. Fechei-me no estúdio umas 6 horas seguidas até ficar contente com a evolução instrumental da música e após ter este esqueleto pronto e sentir-me satisfeito com a evolução artística do tema comecei a pensar em falar com uma segunda pessoa para fazer um *featuring* com uma voz aguda, que contrastasse com a minha. Nos dias seguintes contactei a CARLISANDIA e enviei-lhe o instrumental que tinha feito. Perguntei se ela queria fazer um pequeno *featuring* na música e ela aceitou. Escrevemos as letras os dois juntos e entre captação vocal e *mix master* final da música Acabei o processo no final de maio e decidi lançar dia 1 de Julho para poder apanhar o verão. Em termos de influências diria que *Loverboy* é uma música *Eletro Pop/Synth Pop* retratando os desafios do amor moderno. Inspirei-me em vários tipos de relações consideradas “tóxicas” que tenho observado entre pessoas que me são próximas mas tentei apoderar-me desse tema de uma maneira quase sarcástica e não tão séria.

E sonhos, ou objetivos se assim lhes quiseres chamar?

Eu quero tudo. Quero comer lagosta nas Maldivas. Entrar nas corridas e um dia estar no meio. Fora de brincadeiras, o que mais quero realmente é poder viver da música e um dia ouvir as pessoas a cantarem as minhas letras num palco gigante. Quero ser o primeiro artista pop trans a ser reconhecido em Portugal e mostrar também uma história feliz, com uma representação boa. Ser trans não é uma sentença, e eu quero dar à minha comunidade razões para sorrir. Estou cansado de *sad stories*.

O que é que podemos esperar de ti num futuro próximo?

Muita música. Quero lançar muitas coisas para o ano que vem e começar também a dar concertos. Tenho trabalhado intensamente em próximos temas por isso darei novidades.

Uma curiosidade ou talento desconhecido sobre ti?

Adoro cozinhar e fotografia. Se passo 12 horas seguidas a fazer música no estúdio o próximo sítio onde me apanham é na cozinha a inventar qualquer coisa. Faço uma lasanha vegetariana divina. Venham experimentar, estão todes convidades.

PEDRO PEDRO

O Retorno à Moda entrevista por Adriana Veríssimo Silva,
fotografia Elisabeth Teixeira @_elisabeth_teixeira_, assistente fotografia Roberto Da Rocha
@robinternets, styling Pedro Pedro @pedropedrostudio, make up e cabelo Sofia Soares
@sofiasoaresmakeup, modelo Tiago Novais @tiagonovais
(Face Models @facemodelsagency)

PEDRO PEDRO iniciou o seu percurso profissional em 1996 e, nesse mesmo ano, venceu o concurso "New Expo-Wear Designers", criando a sua marca em 1998 e a partir desse ano apresentando várias coleções no Portugal Fashion. Depois de um período de três anos parado, retoma às passarelas com a mais recente coleção de FW22/23.



Sei que deixaste a moda por uns anos, conta-me um pouco sobre o começo do teu percurso no mundo da moda, o antes desse período. Onde começaste, quando criaste a tua própria marca?

Eu fui parar ao curso de moda um pouco por sorte ou porque calhou. Na altura fazia cursos de pintura livre, sempre gostei de desenhar e pintar desde jovem, e quando cheguei ao secundário, a minha mãe sugeriu-me fazer o curso de moda, e eu fui um pouco na descoberta. Entrei e comecei por fazer o curso no Citex, aprendi imenso, depois passei para a academia de moda, já com bastante bagagem e devido a isso comecei a trabalhar com dois professores, depois das aulas. Entretanto, eu conheci muitas pessoas no Citex, em que uma delas foi o meu colega com quem iniciei a marca, colaboramos juntos durante dois anos e decidi continuar eu sozinho e a partir daí fiz sempre moda. Parei há quase três anos, antes da pandemia, continuando no mundo da moda mas mais no setor da indústria.

De onde surgiu a ideia de voltar a desenhar moda e porquê agora?

Porque percebi nestes anos que estive na indústria que não era o percurso que eu queria fazer. A indústria tem muitos outros pesos, muitos outros obstáculos, que uma marca de moda também tem mas que noutro sentido, e não há tantos impedimentos para a criatividade. Na indústria tens que seguir o que a marca quer e eu como designer individual tenho que contar a história que eu quero, tenho objetivos diferentes e percebi que eu prefiro seguir o meu caminho, ter a minha identidade.

Como funciona o teu processo criativo, desde a etapa de pesquisas ao conceito e escolha dos modelos para runway?

E se eu te disser que já tenho a coleção de verão toda desenhada? Sabes porquê? Começo com um desenho e a partir daí misturo tudo, realizando tudo à mão. E faço uns quarenta croquis todos pintados, a partir daí vou selecionar os tecidos e daí vejo o que mantenho ou adapto, porque o tecido pode mudar completamente a ideia original. E este processo é retomado 3 ou 4 vezes, até se limpar e adequar tudo. Nestas adaptações há ideias novas que aparecem e outras que morrem. É muito orgânico, e muito trabalhoso, mas é a parte que eu mais gosto. Ultimamente a minha maior inspiração é a música, as sub-culturas musicais. A última história (F/W 22/23) tinha a ver com os ravers mas visto com um olhar rural inglês e um pouco *freak*. Nesta de verão, brinca-se na mesma com música, especialmente os musicais de verão. Sendo transmitido uma ideia mais leve, mais livre, de música partilhada em conjunto por várias pessoas ao mesmo tempo. Mas sim, ultimamente tem sido principalmente as sub-culturas musicais que me têm inspirado.





Quais foram as maiores dificuldades que tiveste no decorrer da tua carreira?

Encontrar pontos de venda, chegar a mais pessoas e vender o produto. Essa é a parte mais difícil, que eu mais odeio mas é sem duvida a parte mais importante porque tens que vender para conseguir crescer, melhorar e desenvolver coisas novas.

Qual é o teu posicionamento sobre o consumo fast-fashion de moda no mercado atual?

Pergunta difícil... Eu voluntariamente, acho que há coisas que ultrapassam os limites, não querendo referir marcas, há produtos que eu vejo há venda que não entendo porque é que aqueles produtos estão há venda. Como conseguimos aquele preço tão baixo? Não consigo perceber... E depois o consumidor continua a comprar, mesmo na pandemia via filas intermináveis nesse tipo de lojas. Acho que no fim da cadeia de produção da peça há alguém que está a ser muito explorado, para se conseguir valores tão baixos. Acho que no futuro, com a nova geração, vai existir mais supervisão até do próprio consumidor, em ver onde as peças são feitas, por quem, onde? Esse posicionamento de questionar e não aceitar tudo o que nos vendem vai ajudar muito a industria da moda. No meu caso, nós somos quase como uma família, já nos conhecemos todos há anos, porque continuo a trabalhar com as mesmas pessoas que conheci no inicio, e isso faz com que a marca seja extremamente transparente.

Como vês o futuro da moda em Portugal?

Uma das coisas que me fez voltar também este ano, foi perceber que esta nova geração é muito interessante, muito ativistas, dados a causas, pensam muito por eles próprios e têm opiniões fortes. Está a acontecer muita coisa... tanto boa como má, como por exemplo nos E.U.A. com a questão do aborto e etc. Mas depois tens o oposto, onde há pessoas que dizem que é tudo igual, tens sempre esperança. E em termos de moda, a moda é sempre uma manifestação da sociedade, só tem que crescer e acompanhar a evolução da sociedade, tornando-se marcante no processo.

Tens alguma história ou episódio marcante que gostasses de me contar sobre o mundo da moda ou o teu percurso nela?

Conheci a SUSIE MENKES, no meu desfile em Itália, ela veio ter comigo e disse que gostou muito, foi extremamente simpática.

Que dicas darias para quem está a começar ou deseja entrar na área da moda?

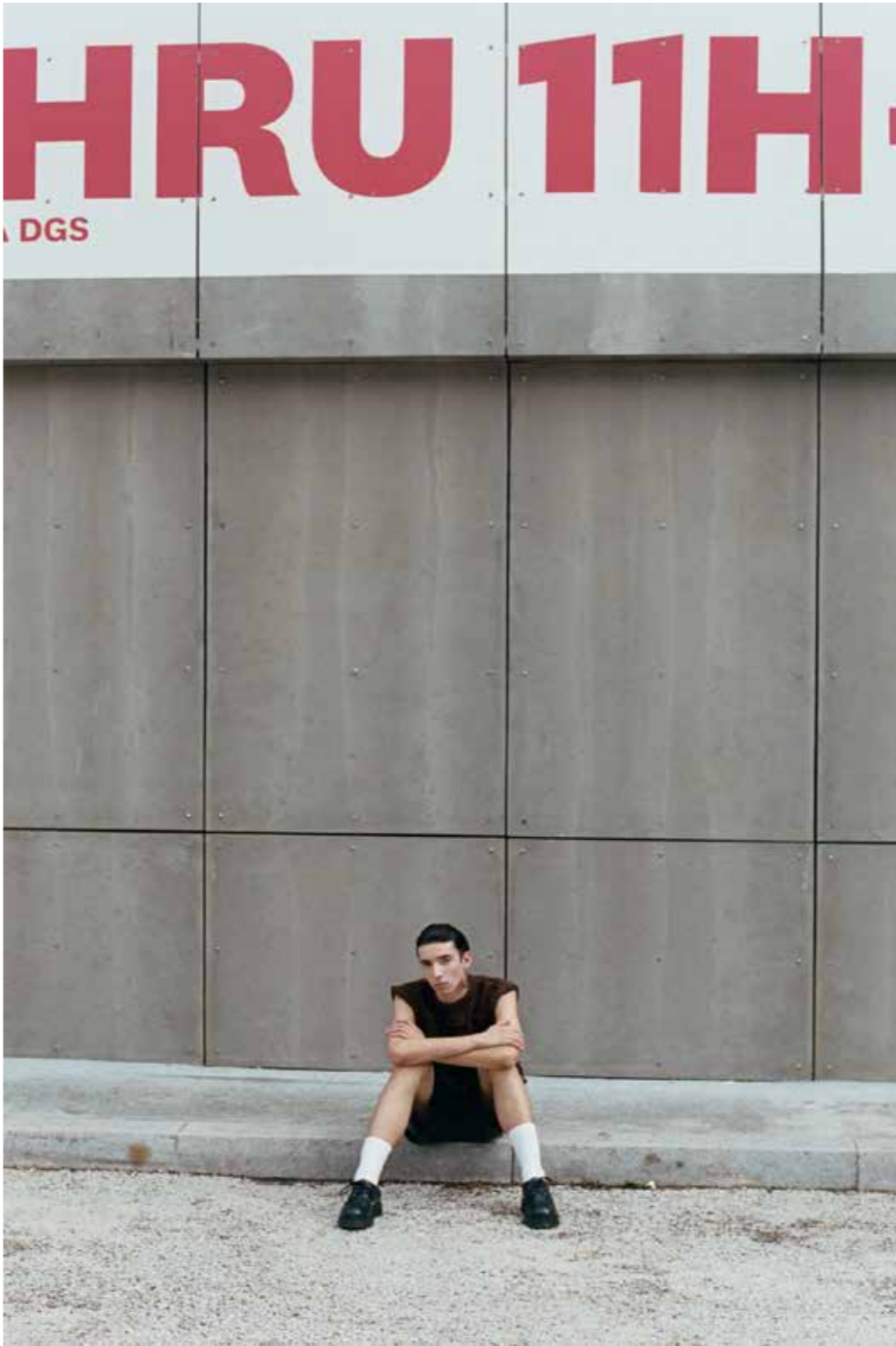
Persistência principalmente, e singularidade. Tens que pensar o que tu és diferente dos outros e valorizar isso. As nossas pequenas coisas diferentes dos outros são o que temos que enaltecer.















BOLD

texto Maria São Miguel

A BIRKENSTOCK lança a coleção #BOLD, uma versão *premium* dos seus modelos clássicos *ARIZONA* e *BOSTON*, exclusivamente para o *target* masculino. As novas versões destes modelos foram influenciadas pela força e funcionalidade das fivelas com duas filas de ilhós, inspiradas nas roupas de trabalho, bem como na proveniência militar, onde estas provaram ser mais seguras ao transportar cargas mais pesadas.

Para a campanha de lançamento a marca alemã convidou TAKASHI OKABE e JAMES OTTER, dois artesãos e curadores, cujos valores se alinham perfeitamente com os da BIRKENSTOCK. Damos aqui destaque a JAMES OTTER um mestre marceneiro da Cornualha. Cria pranchas de surf personalizadas feitas à mão com madeira proveniente do sudoeste da Inglaterra, utilizando técnicas que remontam aos primórdios da construção de pranchas de surf. Infunde tudo o que faz com um caráter profundamente humano, o que só é possível com toque humano direto. *“Acho que criar algo à mão é o que nos define como humanos. Quando criamos algo com as nossas próprias mãos, deixamos um pouco de nós no que criamos. Isso faz uma diferença enorme. E sempre que se rema para o mar nestas pranchas sente-se essa humanidade.”*, afirma.



ECLETIC

texto Maria São Miguel

Nesta expressão olfativa para 2022, a LOEWE continua o propósito de colocar numa fragrância o *ethos* deste espírito de festa que é Ibiza, incrementando o seu fator de escapismo. Por isso o novo *Ecletic* cheira a "férias de verão", aquelas noites quentes, aromas florais. Notas de flor de laranjeira e jasmim trazem o toque floral, acompanhadas da frescura da tangerina de Madagáscar e do calor da pimenta preta; o exotismo do incenso no coração do perfume alia-se à sofisticação do coco e baunilha sublinhados pela riqueza do Ylang Ylang, almíscar e sândalo australiano para completar o aroma estival. O frasco dá continuidade ao repto: o degradê a lembrar os melhores *sunset* sobre o mar encontram eco nas tonalidades do padrão exótico que finaliza o *packging*, num revivalismo de um dos prints de arquivo da Paula's Ibiza original, criado pelos fundadores da loja, ARMIN HEINEMANN e STUART RUDNICK. O objetivo é claro, celebrar a liberdade e o espírito ousado que o tempo quente – e Ibiza – parece trazer ao de cima em todos nós. Traz-nos a sensação hedonista de sensualidade e exuberância.



SOUND STATION

NICK CAVE



A SEMENTE MÁ QUE
NOS FAZ FLORESCER
O AMOR

Texto António Barradas

Havia uma ausência de brisa desfasada do nome do festival e muito longe da estação do ano onde se inspiram as coroas florais na cabeça, os bronzes tímidos e o muito amor partilhado através de vestimentas a fazer pandã. Eram filas serenas e mãos dadas prontas para embarcar num momento de liberdade que, algures em Março de 2020, julgávamos ter perdido. Ténis sujos, que estavam limpos; copos em punho, para o que desse e viesse e aquele outfit preso no armário não hesitou em cantar *Grandôla Vila Morena* mal se viu na rua. Com gente. Da que se toca e nos deixa tocados. Da que empurra, grita, tropeça e volta a ser incomodativa. Os suspiros não se fizeram tardar, também tinham saudades de se sentir testados. Foi entre looks festivaleiros, sentimentos a fervilhar e um ânsia de absorver tudo, que desaguámos no NOS Primavera Sound 2022. Chegámos a(o) bom Porto.



De todas as alegorias musicais ouvidas ao longo dos três dias, de todos os mosh pits, banhos de cerveja, bolhas, calos, cartas rasgadas, dedicatórias escritas e sonhos postos em lume alto, a mais cintilante das estrelas foi: NICK CAVE AND THE BAD SEEDS. A ansiedade apoderava-se de quem não sabia para onde seria levado. Iria o cantor australiano dar voz ao sofrimento depois da morte de mais um filho? Iria o sofrimento tornar-se em amor e unir-nos à revolta com a vida? Ou seria somente um cumprir de calendário neste nosso cantinho à beira-mar plantado?

Aguardei. Com todas as pulgas recolhidas da minha meninice a ouvir *As I Sat Sadly By Her Side* e a carpir mágoas demasiado idosas para a minha tenra idade. Eram amores desavindos, que julgava serem os últimos; dias menos bons onde a poesia cantada de NICK CAVE e o ritmo dado pelos BAD SEEDS me pagavam a viagem onde a cabeça não ia por si.

Chegou o momento. O palco mexeu-se com muito mais velocidade do que a energia que cada espectador imprimia ali. Naquele espaço éramos formiguinhas a trabalhar nas mesmas reminiscências, com a força possível para as trazer de volta.

Foi um momento para congelar no tempo, sem nunca o colocarmos no microondas do esquecimento e o deixarmos derreter. Entre *Jubilee Street*, *O'Children*, *Mercy Seat*, *Red Right Hand* ou a tão afamada *Into My Arms*, existiram 7 minutos a diferenciar-se de tudo o resto. O meu relógio sensorial teve os ponteiros parados, como se já adivinhasse o alinhamento. NICHOLAS EDWARD CAVE deslocou-se para o piano. Aquele onde descarrega as mágoas e se afasta da dura realidade dos dias. Esse mesmo, onde escreveu amor ao lado de sofrimento e o polvilhou com saudade. Nesse mesmo sítio onde tocou *I Need You* e me transportou com ele.

À minha esquerda estavam os meus 2/3 – metade seria chamar-lhe pouco. Nas primeiras notas de *I Need You*, os pêlos dos meus braços foram chamados a cena. Hirtos e frágeis; decididos e perdidos; entrelaçados na atmosfera nocturna espalhada pelo Parque da Cidade e soltos na miscelânea de sentimentos que queriam disparar. Soltou-se um mindinho em direcção a ela. Nunca trocámos olhares, porque as mãos falam que se desunham. Sentimos cada letra de um alfabeto reinventado e adaptado à nossa história.

O refrão vinha como uma avalanche e nós não a queríamos parar. Eram ninjas a cortar cebolas e as minhas pestanas a ensoparem-se com o poder da música. A meio da canção, já os nossos dedos se entrelaçavam e falavam em código morse trocando juras de paixão. Depois foram os tais pêlos hirtos, a não resistirem ao poder da atracção e a juntarem-se numa simbiose particular. Sentimos juntos, não trocando uma palavra. Demos às notas daquela história a sua verdadeira essência e ali soubemos, num concerto a Norte de Portugal, que dificilmente ficaríamos a leste um do outro.

“*Nothing really matters when the one you love is gone*”, dizia Cave com o poder dos dedos a decorrer num piano amestrado, que lhe é o coração fora do corpo. E talvez não importe, daí todo o peso do sentimentalismo profundo vivido naqueles 7 minutos específicos e naquela hora e meia no geral. São quase 65 anos de vida marcados pela dor, mas pautados pela energia em palco, pela força incontrollável e pela forma tão singela com que conduz quem o ouve pelas histórias, e fica pelas memórias.

O concerto de NICK CAVE, no dia 9 de Junho de 2022, deu-me todo o sumo da música, sem ter de espremer nada: o ardor da paixão e a saudade das palavras. Foi extra-sensorial, acima de tudo. Não morram sem o ouvir, nem o deixem morrer sem se partilhar convosco. A esta BAD SEED não lhe deram as melhores raízes, mas juntamente com a nossa terra, conseguiremos fazer florescer o amor.

SOLUNA

entrevista por Sofia Seixo Garrucho
fotografia Francisco Hartley
styling Ana Silva
make-up Baludna
direção criativa e ilustração Ana Silva

Artigo financiado pela Near Protocol
Agradecimentos Mãe Solteira Records DAO



O seu próprio nome, SOLUNA, une dois elementos opostos, o sol e a lua, complementares e sem os quais não existiria vida. É um bocado isto que SOLUNA está a trazer à música portuguesa, vida! Os ritmos africanos têm sido bem recebidos nos sistemas de som dos clubes e das salas de espetáculo portuguesas e SOLUNA acrescenta-lhe ainda o *Reggaeton*, um género que surgiu na Jamaica em meados dos anos 70 e que tem florescido pelo mundo inteiro desde os anos 90. Na música de SOLUNA encontramos ainda vestígios de *Hip Hop*, *Tarraxo* e *Afro-House*.

Após ter andado em tournê com DINO D'SANTIAGO, afirmando ter sido “uma universidade”, a cantora, multi-instrumentista, compositora e produtora afrolatina residente em Lisboa desde 2019, lançou no passado mês de maio o seu primeiro EP *Gano*. Todas as canções do EP são co-produzidas por SOLUNA. *Flaca* e *Abajo* têm o dedo do “bruxo melódico”, o produtor angolano, Dotorado Pro; *Gano* e *Mata Fama* contam com a produção do britânico PAUL SEIJI, *Vamonos* e *Negra* têm ainda cunho do produtor angolano TOTY S'AMED. As letras são todas da autoria de SOLUNA, mesclando de forma orgânica o português, o espanhol e o inglês.

Já existe um videoclipe para a *Gano*, dirigido por GUILHERME BRAZ que conta com a colaboração do coreógrafo DOUGIE KNIGHT (cantor, dançarino) e junta em torno de SOLUNA, RAISSA BHERING, IZHA, LUCY VAL e CAROLINA RODRIGUES, uma jovem comunidade de artistas independentes residentes em Lisboa. Sofia Seixo Garrucho conversou com SOLUNA sobre a sua curta mas valiosa carreira.

Quando começou a tua carreira musical? Só lançaste música este ano mas já eras conhecida nos palcos.

Foi por volta de 2019, quando vim para Lisboa. Comecei a trabalhar com o DINO (D'SANTIAGO) como *back vocal* e paralelamente estava a dar concertos a solo em pequenas *venues*, como a Fábrica Braço de Prata. Fui desenvolvendo as minhas capacidades e este ano consegui lançar a primeira canção. Tive *bwé* paciência, mas tudo começou em 2019.

Qual foi o teu primeiro contacto com o DINO e como acabaste a trabalhar com ele?

Eu conheci o DINO no Algarve através de TUNIKO GOULART, a pessoa que me introduziu no ofício da música. É um brasileiro, índio, baixinho, bem mau! Um craque na guitarra. Quando toca guitarra parece que está a tocar 4 instrumentos ao mesmo tempo, uma cena mesmo fora deste mundo. O DINO também o conhecia e também lhe chama “o Mestre Tuniko”. Aliás se perguntares quem é o TUNIKO toda a gente sabe quem é. “É o Mestre!”. Então, conhecemo-nos através do Mestre. Ele disse “*conheço um negão que canta para caralho, muito forte mesmo!*” E mostrou-me as cenas do DINO e um dia por acabei por o conhecer. Foi um contacto de família, quase por assim dizer. Entretanto, tinha saído de Portugal, perdi o contacto com o DINO, mas quando voltei para Lisboa saía o *Mundo Novo* e fui à FNAC do Chiado para uma *listening party* onde DINO explicava cada tema do seu novo álbum. Fui falar com ele que me recebeu com uma festa “*eia, o Sol do Algarve, do tempo do Tuniko!*” Ele estava a procura de pessoas para a sua banda e surgiu o convite. É curioso como as coisas mudaram tão rapidamente em dois anos. Os primeiros seis meses a trabalhar com ele foi *bwé* especial. Tenho mesmo *bwé* carinho pelo DINO.

E esse encontro de certa forma marcou-te?

Totalmente! Deu-me pedalada para eu poder estar agora em palco sozinha, acompanhada de uma DJ. Não há muita história, estou eu a cantar, tenho de fazer *hype* no people, tenho

de transmitir, cantar, dançar ao mesmo tempo, manter o fôlego, brincar com as dinâmicas. Trabalhar com o DINO durante dois anos foi como andar na universidade, porque realmente foram quase três anos de experiências e ensinamentos.

Foi ver, observar, estar no ambiente, conhecer o que é a indústria e perceber o que é Lisboa, que eu não fazia a mínima. Mais uma vez, o que é que é, na prática, ser músico? Hoje em dia, o que é fazer disto carreira e tentar que dê mesmo certo? Eu vi o que é sacrifício, estar aí, tudo o que envolve... foi mesmo *bwé bwé* importante.

Para além de cantares, tu és multi-instrumentalista e produzes música. Neste teu novo EP, *Gano*, tens duas canções produzidas por ti. Já na *Flaca*, que é um dos *singles*, tu deste o teu toque, não foi?

Sim, exatamente, há uma faixa produzida por mim, que eu já tocava muito ao vivo e isso foi *bwé* importante para perceber como as pessoas reagem à canção. Eu punha a energia na música e partilhava-a com as pessoas, se elas curtissem eu ia saber *if I was doing something right*. E é *bwé* importante ver as diferentes maneiras que diferentes pessoas reagem às músicas.

Flaca, o teu primeiro *single*, é um hino feminista, correto? Quem é a Flaca?

Sim, total! E finalmente a grande questão chegou (risos). Eu estou a falar de uma pessoa em específico, mas também estou a falar duma situação imaginária. Imagina este cenário: chegas a uma festa como as que havia em Lisboa, em 2019, *good vibes* e só pensas em ir dançar. A *Flaca* começa nesse momento em que tu chegas e de repente estás no *dancefloor* a trocar com alguém e uma pessoa, uma rapariga neste caso, começa a comunicar sem palavras. Só no final da canção é que eu falo com ela, mas estamos sempre a trocar. Ela está a dançar, eu estou a dançar e o ambiente convida toda a gente a dançar.

Existe uma comunicação entre corpos e não só entre palavras.

Hmm Hmm!

Tu sentes que a música consegue mudar o paradigma da noite, em termos de misoginia e para que haja mais respeito uns pelos outros?

Ya! O *reggaeton* de hoje já não é do tipo “*peguei na gaja e pá pá pá*”, tipo essa cena que quase incita o abuso sexual, sabes? Isso está a desaparecer do *mainstream*. Claro que continua a haver pessoas que pensam assim. Válido: a música é expressão. Mas é bom que esse tipo de pensamento esteja cada vez mais a sair do *mainstream*. Tens tipo, sei lá, J.LO com o MALUMA a cantar “*Todo lo que tengo es pa’ ti, pa’ ti*”, letras *bwé* fofinhas, tipo o *Flaca*. Tu podes na mesma perrear sem estar a incitar uma ideia abusiva. A noite pode parecer que não te ensina nada, mas entra no teu subconsciente através dessas letras. É bom que esta realidade esteja a mudar, até no próprio *tarraxo*.

Tu misturas o *tarraxo* com o *reggaeton*, onde foste buscar estas raízes?

Eu nasci na Argentina e toda a família do meu pai é de lá e tudo o que é latino-americano-hispanico tem o *reggaeton* e o *perreo* e o *Hip Hop* como *vibe*. E o *tarraxo* vem da parte da minha mãe, que vem de Angola. Eu cresci em Espanha, que é uma prolongação do que é a cultura argentina, latina. E agora estando cá em Portugal conectei outra vez com o *tarraxo*, então estou mesmo no meio destas culturas, a latino e a africana.

Que diferenças sentes entre cantar em português ou espanhol?

Então, em português eu sinto que o idioma pede coisas mais graves. Quando canto as partes mais graves eu vou para o português, porque parece-me mais fácil, puxa mais a voz da garganta, mais do peito. Depois o espanhol, que é a minha língua nativa, o léxico e a expressão está mais solta e a nota chega a notas mais altas, parece que fica mais anasalada.

Naturalmente, quando eu estou a fazer uma melodia mais latina, uso o espanhol, surgem mais coisas, mais palavras. Se for uma coisa mais calma vem o português à cabeça, mais balada. E cada canção parece que pede uma coisa diferente de cada idioma.

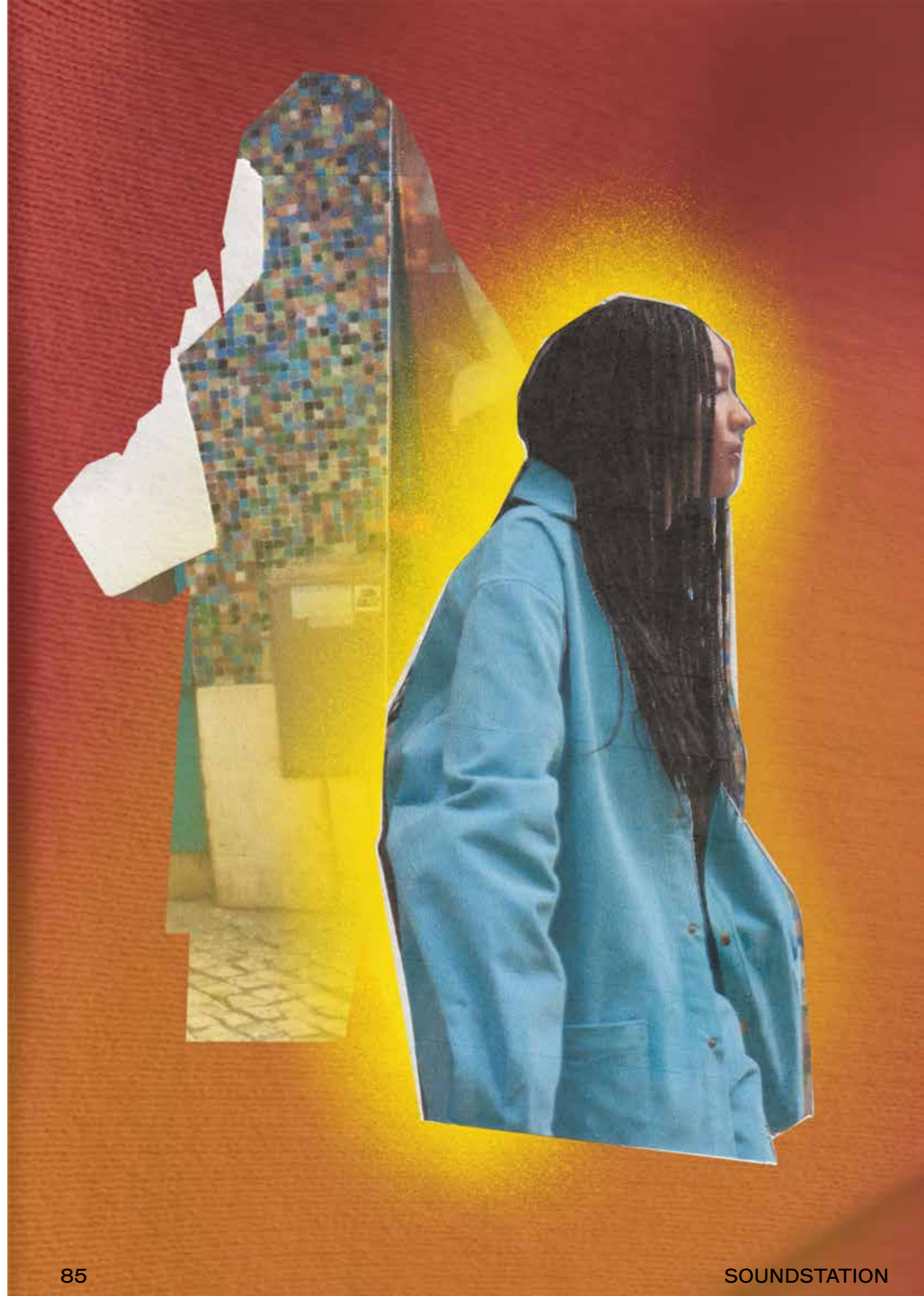
Teres essa mistura de culturas, angolana, portuguesa e argentina dá-te mais ferramentas criativas para compores?

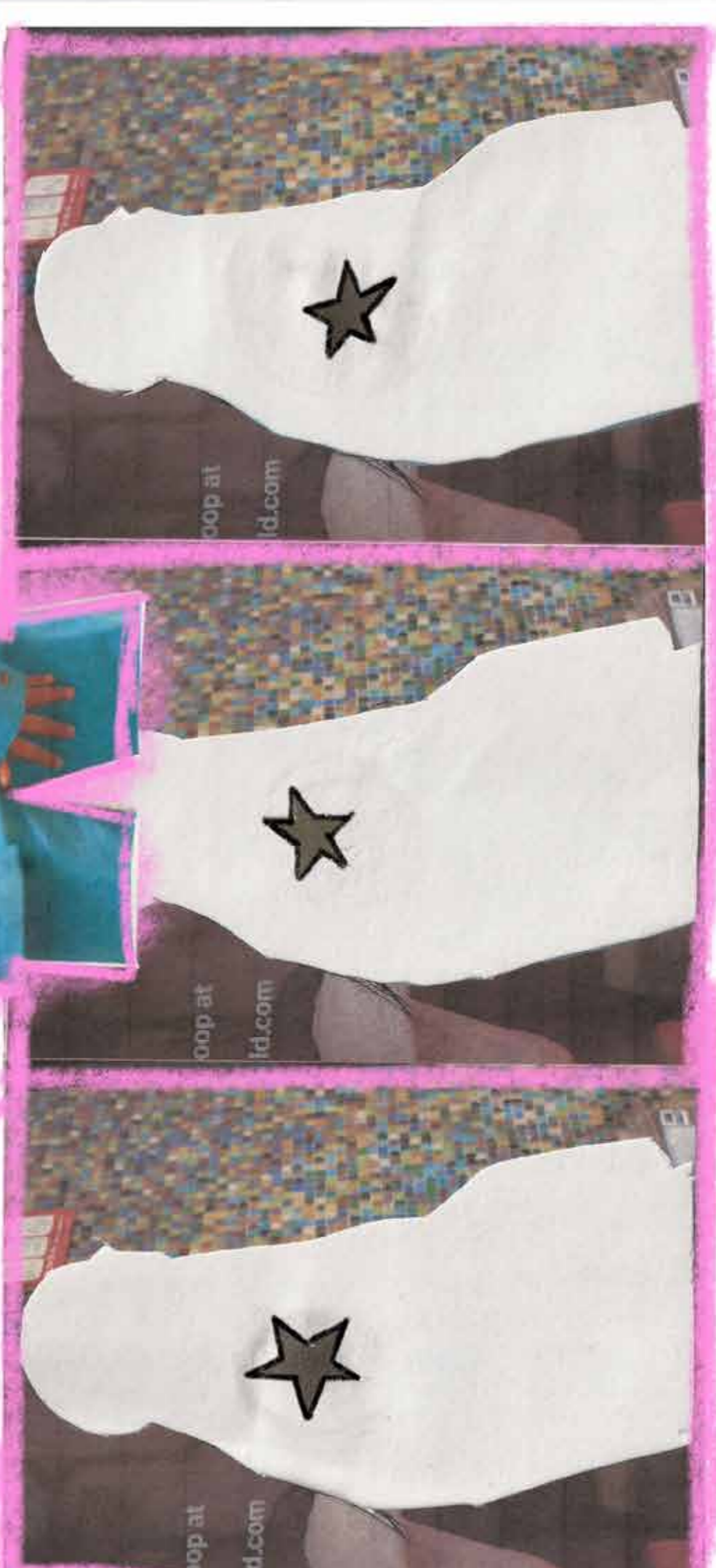
Na verdade, foi o primeiro grande entrave, que não é de agora. Dos 14 até aos 22 anos andei a explorar todos os idiomas e tornava-se um problema. Eu sinto que neste momento da minha vida, estou a querer cantar principalmente em espanhol mas também um pouquinho em português. A falar normalmente misturo muito: estou a falar em português e do nada ponho uma palavra em inglês, depois uso uma expressão do espanhol.

E no início era *bwé* confuso, porque eu vivia em Portugal, se calhar em inglês não, porque as pessoas não vão perceber. E queria também cantar em espanhol, mas isso em Portugal também não fazia sentido. Estando em Espanha, falar em inglês ou português também não fazia sentido. Mas sinto que cada vez mais estão a surgir artistas que cantam em duas línguas. Tens SNOW THA PRODUCT, que faz *rap* em espanhol e inglês. Tens a PALOMA MAMI que faz o mesmo. O pessoal com raízes latinas está a pegar neste cabaz e a ter a coragem de aceitar e exportar em massa a junção destes idiomas. Do nada tens artistas como a KALI UCHIS a abraçar as suas raízes latinas e a fazer um álbum quase todo em espanhol, *ah, vale, vale, vale!* E foi muito inspirador ver isto, ver esta aceitação, ver as pessoas aqui em Portugal a cantar as letras dela, de repente tu ficas “*wow, o pessoal curte a nossa cultura*”. Então, *I took my risk!*

Dentro da nossa indústria portuguesa eu sinto que estou a quebrar as regras para abrir espaço. Eu vim na minha humildade partilhar esta minha mistura maluca para responder às pessoas que perguntam “*de onde é que tu és?*” Eu fico constrangida: espera aí que eu tenho de explicar a minha história de vida. Então venho *bwé* tranquila, fazer a minha cena e as pessoas ficam *bwé*: “*relatable*”. Porque na verdade, as pessoas que vivem em Lisboa têm um pai dum sítio, a mãe de outro, vieram para Portugal de contextos diferentes. Tens pessoas romenas, inglesas, francesas, venezuelanas, Brasileiras, dos PALOPs e de muitos outros sítios, então tens aqui um *melting pot* de segundas, terceiras gerações que já não são emigrantes. É Portugal.

Definir identidade, nacionalidade, de dizer “*eu sou daqui, eu sou dali*”, tornou-se uma questão muito grande para mim não porque eu não saiba de onde é que eu sou, porque sou de todos esses sítios que referi agora, só que normalmente estamos habituadas a pôr tudo numa caixa, porque é mais fácil. *And that's fine*, para perceber também. A KING KAMI, por exemplo, é brasileira, mas está aqui há tanto tempo que também já é daqui, está no meio, já não é Brasil nem Portugal. O próprio *Dino* também, já não é Cabo Verde nem é Portugal. Esta questão é algo que pretendo explorar na minha música. Como disse, da minha humildade, sinto que estou a criar impacto disruptivo, mas eu vim mesmo na humildade! Estou só a trazer a minha verdade para cima da mesa.









CENTRAL PARQ

BALLROOM



Lovey
malha Fred Perry,
top Mango,
saia Guess,
colar Rocha Carvão

KIKI HOUSE OF MUSA

Entrevista por Francisco Vaz Fernandes
fotografia João Victor Czepak

Lovey
top Mango,
saia Prink,
brincos Carolina Curado,
botas Guess



Mother Lovey Sereia Musa
(ela/dela)

“Eu quero abraçar todo o meu poder para viver no meu maior potencial enquanto ser humano, e eu quero ajudar as pessoas à minha volta a fazer o mesmo.”

A cultura *Ballroom* surge em Nova Iorque criada por pessoas negras e latinas num contexto marginal dentro da comunidade LGBTQ+, onde se originou o *voguing*, uma expressão artística inspirada nas poses que as modelos faziam em páginas das revistas de moda, como a *Vogue*. Os *voguers* agrupados em família, as *houses*, encontravam-se nos *Balls* e desfiavam-se em várias categorias onde a feminidade tradicional tanto é glorificada como é subvertida nos seus ideais de beleza, sexualidade e classe. A partir dos anos 90 quando o *Vogue* começa a entrar no *mainstream* assistimos a um crescente interesse por essa cultura criando-se ramificações que chegam a outros países que recriam todo esse ambiente, nas suas principais cidades, tornando esse movimento em algo global e inter-geracional. Portugal não escapa a esse crescimento que tem tido a capacidade de se manter fiel e autêntico às origens. Para explorar a cultura de *ballroom* em Portugal entrevistamos LOVEY a fundadora e *Mother* da *Kiki House of Musa*, a primeira *house* de Portugal fundada em 2021.

Como surgiu o *Ballroom* em Portugal, porquê promover uma cultura aonde não tínhamos tradição?

Nos anos 60 em Nova Iorque o *Ballroom* surge de uma urgência sentida entre as pessoas LGBTQ+, e em especial dos grupos latinos e negros que passam a encontrar-se regularmente nos *Balls*. Na verdade eram pessoas não brancas que se sentiam discriminadas mesmo dentro da comunidade LGBTQ+. Dentro de um ambiente que já era *underground* tiveram necessidade de criar um espaço que fosse à parte onde se sentissem aceites e mais seguras. Os *Drag Balls* já vem dos anos 20 e já é uma prática de celebração e arte com uma identidade própria, mas ainda assim existiam dentro da sua comunidade práticas discriminatórias, daí a necessidade de criar um espaço diferente onde essas pessoas pudessem expressar o que realmente são em segurança, em celebração e resistência pelas suas identidades.

Mas como transpões esse contexto americano para Portugal e porque achas que ele é necessário no nosso contexto?

Essa urgência que se expressava originalmente em Nova Iorque e ali ganhou uma identidade acaba por se encontrar em todo o mundo. São o mesmo tipo de urgências, daí a necessidade de criar espaços com o mesmo tipo de especificidades em outros locais, adaptados às realidades locais. Eu estive a viver em Nova Iorque de 2017 a 2019. Passei por alguns períodos difíceis e questões de identidade, sobretudo relacionadas com a minha mulheridade, a minha sexualidade e identidade étnica/racial, e senti que ali era um espaço que me fazia sentir acolhida, me permitia compreender e expressar o que estava a passar. Eu amei a arte e a liberdade e o apoio que sentia dentro daquele espaço. Quando voltei a Portugal senti a falta desse espaço e percebi que havia a necessidade de o encontrar e cultivar, para mim própria e para todas aquelas pessoas que precisam e que não tiveram a oportunidade de viver aquilo que eu experienciei em Nova Iorque com a comunidade *Ballroom* de lá. Há pessoas que provavelmente só olham para o bolo feito, porque a arte que surge da *Ballroom* é linda e muita gente quer "imitar", mas o meu objetivo aqui em Portugal é ir além disso. O objetivo é criar e cultivar a base, o meio e a comunidade. A arte vai ser a consequência disso. Há muita gente que olha e quer, porque é bonito é valioso, mas não é esse o objetivo imediato.

Então vamos falar do princípio. Tu chegas a Portugal, fundas o *Ballroom*, como é que essa comunidade se junta e se organiza?

Eu não posso dizer que criei o *Ballroom* em Portugal, porque estamos a falar de uma comunidade que se foi juntando e eu apenas sou uma das pessoas que esta neste momento a plantar as sementes. Eu sou uma das líderes e orientadoras da comunidade, e sou a mãe da minha *Kiki House of Musa*. Antes de chegar a Portugal já havia algumas pessoas que tinham tido contacto lá fora com o *Ballroom*, com quem já me tinha cruzado. Mesmo antes disso já havia pessoas de fora que vinham a Portugal dar *workshops*, foi até assim que fiz a minha primeira aula. Sempre houve gente que olhava para o *Vogue* e queria imitar mas não percebia exatamente o que que era. Também em Portugal havia vontade e curiosidade. Quando cheguei a Portugal decidi abrir as minhas aulas *Musa Chapters*, de uma hora e meia, intensivas, num espaço mais intimista que eu tinha alugado. Não era a única, nessa mesma altura outros projetos começaram a surgir como o *Lisbon Vogue Sessions* e o *Vogue Workshop Series*. Então estas sementes estavam a multiplicar-se. No meu caso, ao longo das aulas fui percebendo que havia uma conexão especial entre as pessoas e que o que nos unia naquele espaço não era apenas dançar *Vogue*, era todo um processo que estávamos a passar e que nos fazia estar juntas. Algumas das pessoas que hoje estão na minha *Kiki House*, que pertencem à minha família, as *Musas*, surgiram desse contexto de aulas. Eram aulas de *Vogue* mas fora disso tínhamos os nossos momentos de conversa, de troca de experiências onde nos conhecíamos melhor, daí que o *Ballroom* seja uma cultura que nos coloca a pensar enquanto comunidade mais que uma prática artística. A arte resulta de todo esse processo de auto-conhecimento.

E onde é que vocês se encontram?

Inicialmente, em 2019 era num estúdio chamado 100 Makas, onde eram as minhas aulas intensivas. Depois eu comecei a dar aulas na Jazzy e outras escolas grandes que atraem mais pessoas para o *Vogue*, mas cá está, encontramos alunas que tem contacto, gostam e depois vão-se embora porque não são pessoas que pertençam a comunidade. Daí a necessidade de ter um espaço à parte, na altura as *Musas* ainda não eram uma *Kiki House* mas sim um grupo informal que cultivavam o estar em comunidade. Um espaço nosso mas ao mesmo tempo aberto para aqueles que precisam e queiram se juntar. A ideia era passar a semente para outras pessoas e por isso começamos a criar *jams* de *House&Vogue Beats* onde pudessem haver o cruzamento entre pessoas de outras comunidades e estilos *underground*, para depois passarmos especificamente a cultivar uma comunidade *Ballroom* com encontros orientados por mim. São encontros semanais num espaço chamado NADA, que fica em Marvila. É um espaço gratuito, acessível a todos que queiram fazer parte da comunidade, focado na comunidade LGBTQ+, pessoas não brancas e imigrantes em Lisboa.

E o que fazem exatamente nesse dia de encontro?

O espaço é muito especial porque o NADA apoia-nos e dá-nos a oportunidade de estar lá gratuitamente. É uma sala muito completa, tem cabine de dj, sistema de som e de luzes profissional, microfones, então é um lugar de encontro com um ambiente bem *underground* perfeito para treinar e simular um *Ball*. Não é um *ball*. Ou seja, não vamos para um evento, vamos lá para um espaço de partilha e formação e eu estou lá para orientar os membros em termos de toda a história da cultura, categorias e procedimentos. Há momentos que só estamos a conversar, outros em que vemos documentários relativos a cultura, também podemos partilhar refeições. É um espaço mesmo livre. Muitas das vezes acabo por dar aula aos membros mais iniciados, mas o intuito é mais ser um acompanhamento, uma orientação e tudo isso é gratuito.

Miss Panterona
vestido Relish



Miss Panterona
macaco Carlos Gil



Miss Panterona Musa
(ela/dela)

“O meu sonho artístico é ser Runway Model, ter as minhas criações, a minha marca de maquilhagem.”

Imagino que seja um grupo informal, mas quantas pessoas estariam envolvidas?

Umás 15 em geral. Há sempre pessoas a entrar e a sair. Experimentam mas pode ser que não se identifiquem tanto com espaço das *Musas*. Nós temos uma vertente muito espiritual e mística também. A cultura do *Ballroom* em toda a sua beleza que gere alimenta muito o ego e o que eu sinto que as *Musas* não querem chegar ao topo assim. Querem desenvolver um percurso autêntico em conjunto com calma. Não temos que nos forçar a ser algo que não somos ainda e isso leva tempo.

E qual o vosso objetivo? Estão a pensar a longo ou curto tempo?

Quando chamei à família, à minha *house*, *Musa*, foi porque sinto que todes temos uma dentro de nós, não no sentido idealista e fetishizado da palavra musa, mas no sentido que todes nós temos algo aqui para fazer, uma missão. Muitas vezes esta sociedade nos tenta categorizar, moldar a um ideal que não nos pertence, cria muita pressão e opressão à volta da energia feminina, e o objetivo é desconstruir isso, essa programação da sociedade, e criar espaço para a autenticidade. É um processo longo. Nos temos esse objetivo, é um objetivo longo que queremos passar ao máximo número de pessoas possível. Não necessariamente que sejam da *house*, mas fomentar essa autenticidade à nossa volta. Então o objetivo não é algo para agora, pelo contrário, a longo longo termo. Os troféus que aconteçam nos *Balls* que sejam uma consequência desse trabalho que desenvolvemos, mas não o nosso ponto de foco. Os troféus vão chegar pela autenticidade

Pose, uma serie da Netflix que foca os *Ballrooms* em Nova Iorque trouxe esta cultura para o *mainstream*. Qual a importância desta serie dentro da comunidade?

Trouxe pessoas que participam nos *balls*, atrizes *trans*, pessoas que tem contacto com a comunidade e muitas daquelas histórias são inspiradas em pioneiros e outras pessoas importantes para a história da comunidade. Penso que pode consciencializar as pessoas para esta realidade. Claro que há muito coisa romantizada que pertence a dinâmica de um formato televisivo como esse. Mas acredito que tenha muitos aspetos positivos. Tive amigos que participaram nas filmagens e isso representou dar-lhes trabalho, dar visibilidade a quem faz parte da comunidade. Muitos a partir daí tiveram maior projeção e conseguiram mais trabalhos. Isso foi muito importante. A nossa comunidade é *underground* mas o objetivo não é ficarmos *underground*. Também não é ser *trendy*, comercializada, mas sim consciencializada. Se querem contratar *voguers* com a magia da *Ballroom* contratem pessoas da *Ballroom*.

O enredo de *Pose* passava muito pelas rivalidades entre as *houses* rivais, aqui como acontece?

Em Portugal já existem várias casas. Nos somos a primeira *Kiki House*, criada de origem. As outras que cá existem são polos em Portugal mas que foram criadas em outros lugares. Refiro-me à *kiki scene*, um pouco diferente da *major scene* que é mais competitiva e por ser a *scene* original tem casas com muitos membros e polos em várias partes do Mundo, Londres, Paris, Coreia do Sul, etc. São de facto casas grandes. Nessa *major scene* exige-se um outro nível e aprimoramento dos *outfits*, por exemplo. Já a *Kiki scene* é mais focada em colaborar em comunidade e nos jovens, que se calhar não têm tantas possibilidades de preparar *outfits* tão luxuosos ou investir tanto dinheiro para ir aos *balls*. Em Portugal é mais relevante a *kiki scene*, os jovens podem fazer arte a partir da reciclagem

de materiais por exemplo. É esse o incentivo, não precisam de investir tanto dinheiro, mas sim ser criativos. Sim, existem várias *kiki houses* em Portugal, encontramos-nos em treinos, mas sobretudo nos *balls*. Especialmente a partir de 2021 passamos a ter *balls* onde as casas batalham. Também pessoas sem casa participam nestas batalhas. Criou-se uma grande dinâmica com um crescente número de eventos e participantes. O *shade* faz parte da *Ballroom* e deve ficar nas *battles*. Fora das *battles* somos todes uma comunidade e devermo-nos apoiar nas nossas lutas. Ou deveria ser assim, embora haja quem *lance shade* desnecessário e isso pode criar sim mais rivalidade entre as casas, sobretudo se houver rivalidades entre líderes.

E esses *balls* acontecem apenas para a comunidade ou são abertos?

O mais importante é preservar o espaço para que seja seguro para quem lá está. As pessoas que participam expõem-se muito nesse local. Os *Balls* são para a comunidade mas também existem bilhetes para quem queira assistir, mas consciencializamos sempre à entrada que é importante que quem esteja lá dentro se sinta segura. Vão encontrar-se com uma comunidade LGBT criada maioritariamente por pessoas *trans* e não brancas e que são a prioridade. Então alguém que não se sinta bem com alguém que lá esteja é convidado a sair do espaço. Há pessoas *trans*, por exemplo, que no dia-a-dia ainda não estão no momento de se assumirem como são, e é aqui na *ballroom* que se sentem seguras para o fazer. Então temos que preservar estas identidades nesse espaço.

styling Rebecca Zola
produção Jheni Ribeiro
make-up Sofia
hair Pedro Chalbert
ass.fotografia Luana Piedade
talents:

@inloveyy
@bixagoxtosa
@fabzlopezz
@misspanterona

Agredimentos a ETIC

Pony Fab
fato de banho Naji,
casaco em pele falsa Relish,
botas Guess,
anel Rochacarvão,
brincos Carolina Real,
luvas Raul Leal



Pony Fab Musa
(ela/dela)

“Saber que consegui mostrar o meu eu para o mundo e perceber que as pessoas foram muito felizes com a minha presença na vida delas.”



Pony Fab
top Mango,
calças Raul Leal,
brincos Vangloria

Gaby D
tiara Carolina Curado



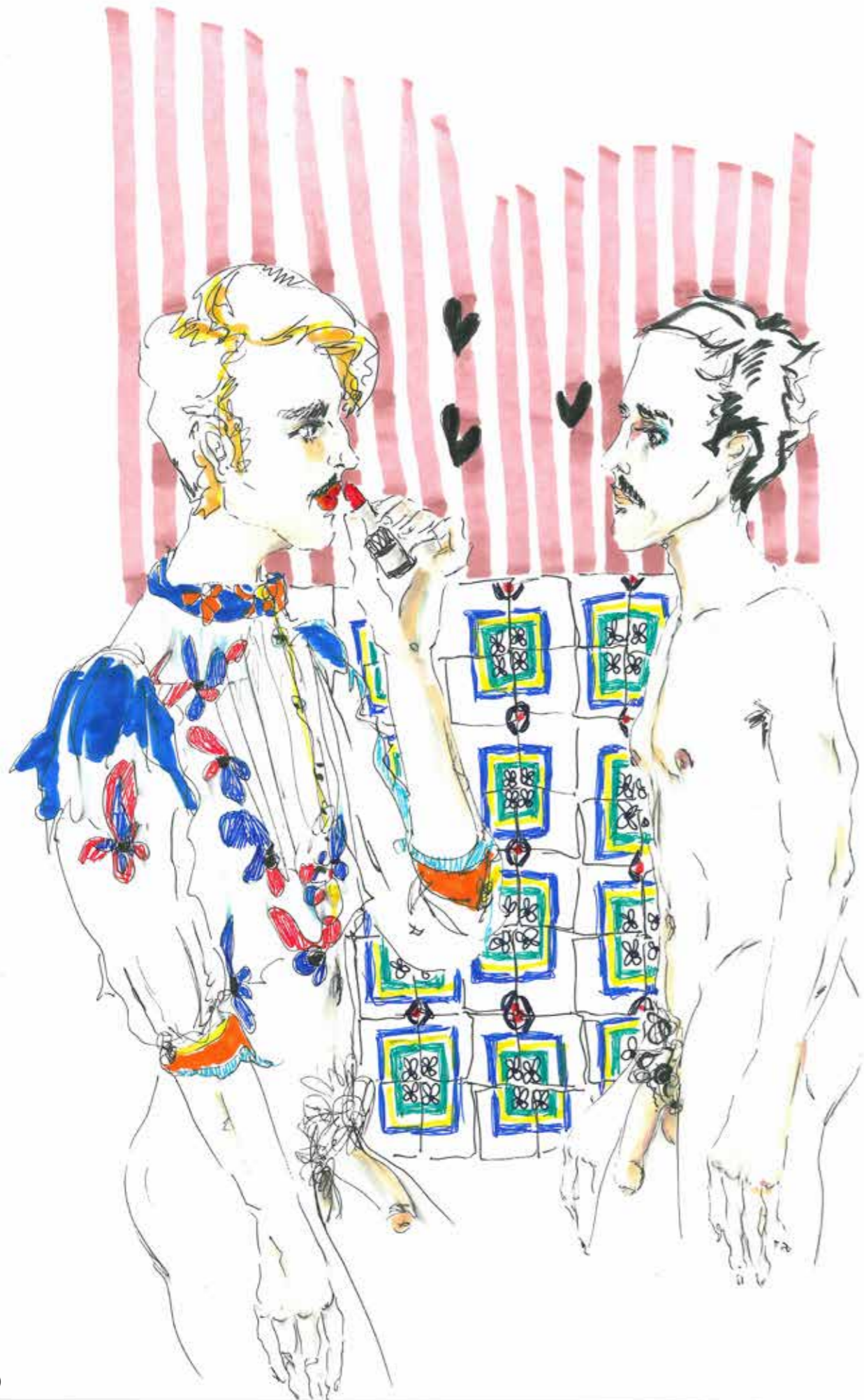
Bixa Goxtosa Musa
(ela/dela; ele/dele)
“O meu sonho é atingir as minhas metas
profissionais, ser um grande bailarino.”

MANUEL

BRANCO

DESENHOS





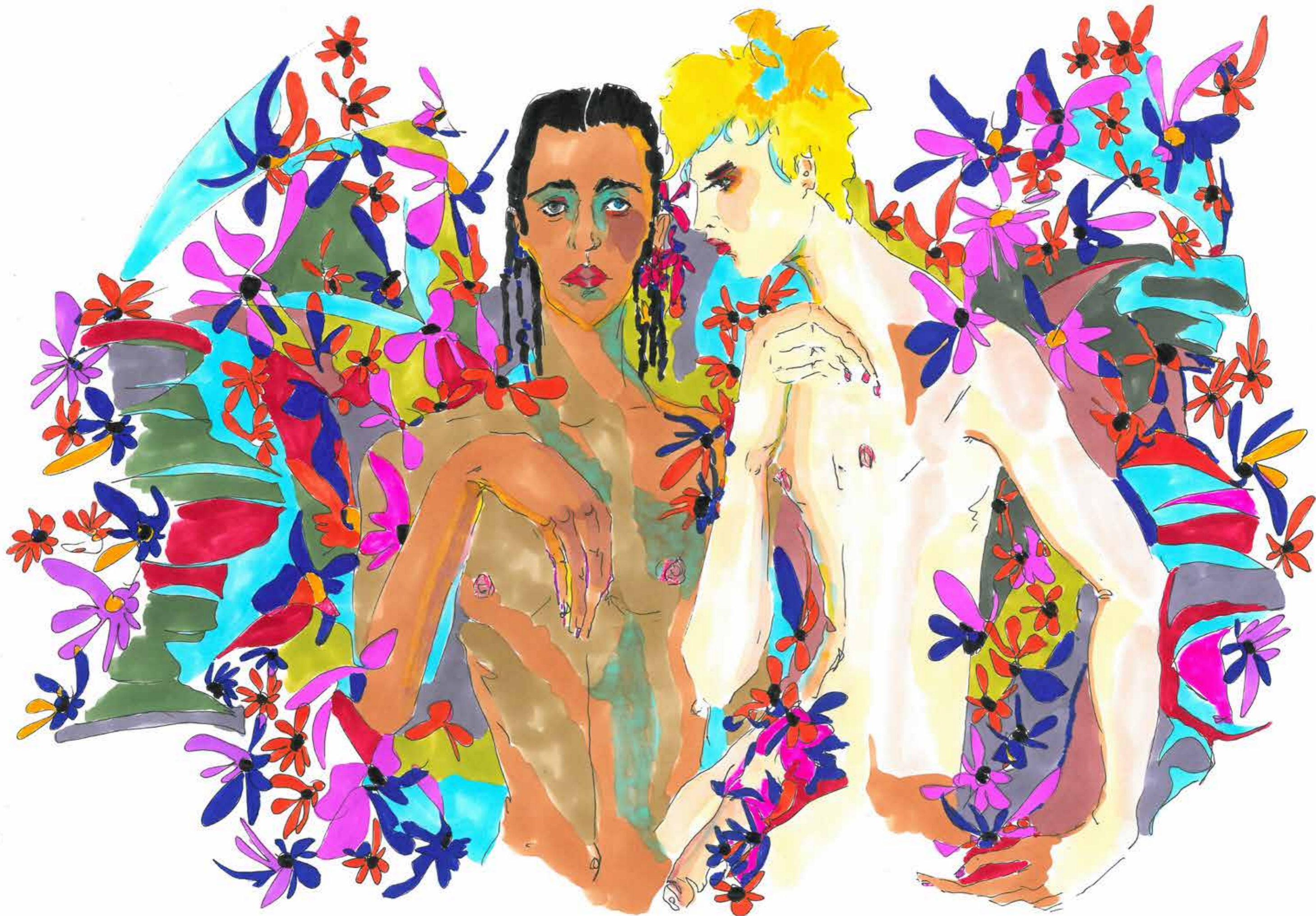
BEING BEAUTEOUS

O meu amigo inglês que entrou no quarto da cama e correu de um só gesto todas as cortinas
sabia o que corria
digo disse direis era vergonha
era sermos estranhos mais do que isso: estrangeiros
e tão perto um do outro naquela casa
mas eu vejo maior mais escuro dentro do corpo
e descobri que a luz é coisa de ricos
gente que passa a vida a olhar para o sol
cultivar abelhas no sexo liras na cabeça
e mal a noite tinge a faixa branca da praia
vai a correr telefonar para a polícia

E não bem pelas jóias de diamante os serviços de bolso e as criadas
digo ricos de espírito
ricos de experiência
ricos de saber bem como decorre
para um lado o sémen para o outro a caca
e nos doces intervalares
a urina as bibliotecas as estações o teatro
tudo o que já amado
e arrecadado no canto do olho a implorar mais luz para ter sido verdade

O meu amigo inglês não se lembrava
senão dos gestos simples do começo
e corria as cortinas e criava
para além do beijo flébil que podemos
a viagem sem fim e sem regresso





MAG RODRIGUES

FOTOGRAFIAS COM GENTE DENTRO

No início, MAG era uma adolescente de câmara fotográfica compacta que mostrava as suas fotos num blog. Depois, formou-se em fotografia e nunca mais parou, no que chama de «privilégio», o fotografar profissionalmente.

Todos os trabalhos de MAG envolvem pessoas, grupos e comunidades; as séries *Família* e *As Senhoras* são exemplificativos dum interesse genuíno pela pluralidade e pelas histórias com gente dentro. Explica o seu interesse: «*O meu olhar tende para valores universais, como o amor, a morte, a beleza, e tento procurá-los nos sítios mais improváveis e/ou escondidos. No fim, traduzo-os num objecto assertivo, uma imagem clara. As imagens, dentro de uma série, funcionam em linha recta: cada uma acrescenta de forma individual a sua parte ao trabalho total. A história que tento contar é uma história sem início, meio e fim: é um conjunto de peças*».

Ela procura que as suas séries sejam «*objectivas, que não necessitem de legenda*», numa abordagem clara e honesta: «*Antes da reacção externa e do lugar no mundo que os trabalhos poderão ocupar, existe um ímpeto pessoal para aceder e capturar certos temas. Há uma necessidade de olhar para algumas realidades porque, antes de mais, elas interessam-me como pessoa. Entendo que, ao longo do tempo, se revela um padrão entre as séries: persigo pessoas e grupos mais escondidos e/ou à margem; por terem esta característica, ao torná-los visíveis, acrescento informação – esta tira-nos da ignorância, o que pode levar à quebra de preconceitos e pressupostos. No fim de tudo, é algo que também procuro atingir*».

MAG é apologista da *Smartphone Photography*, utiliza-a todos os dias sem excepção, para capturar imagens que não são profissionais. Está agora com um projecto em que fotografa pessoas ruivas, não hesites em contactar caso o sejas.









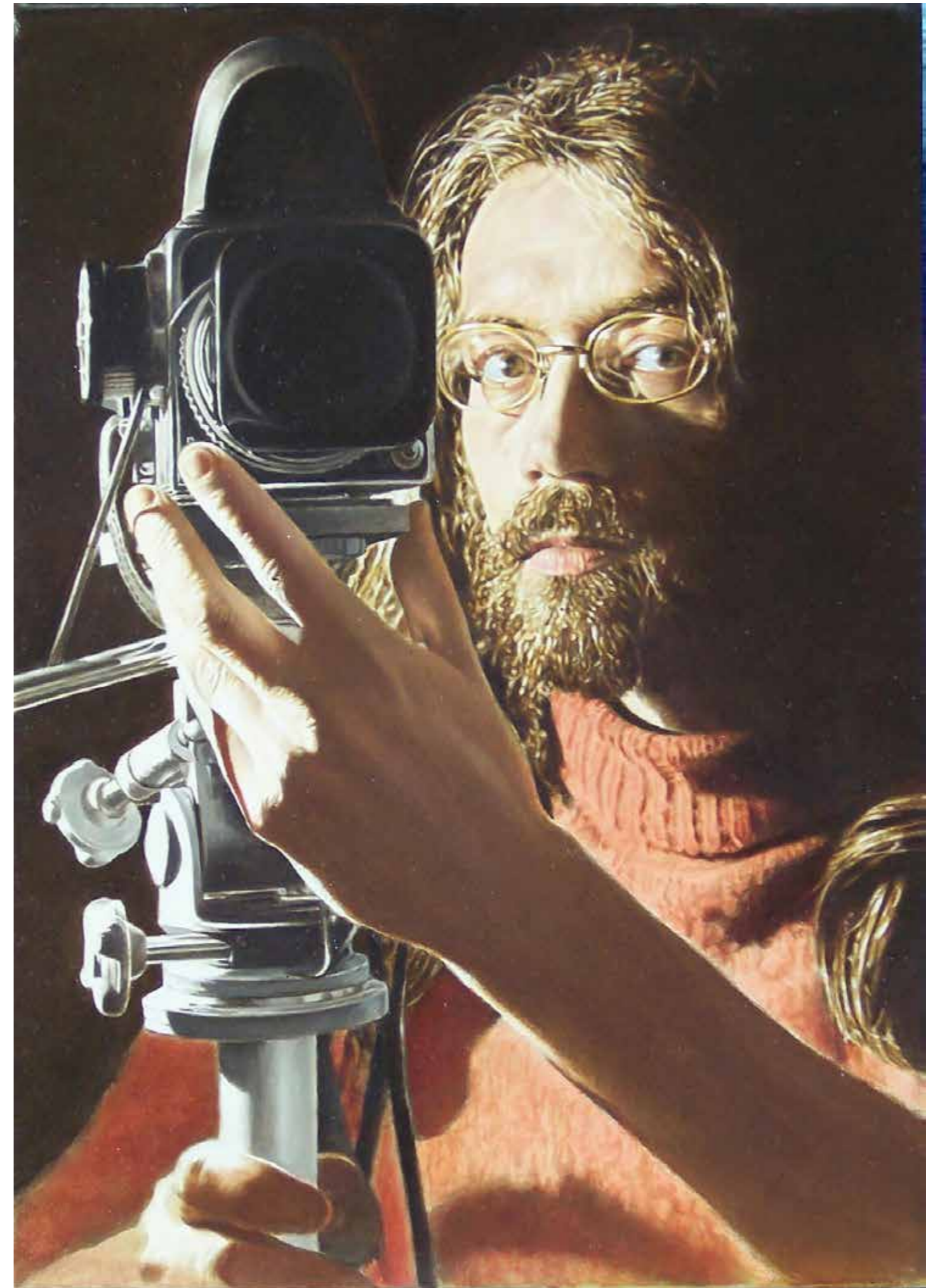
JACQUES SULTANA

A IDADE DE OURO

Texto Francisco Vaz Fernandes

126

ARTE



Jacques Sultana, auto-retrato, pintura

127

ARTE

Artistas que passam despercebidos a vida inteira está a história de arte cheia. O mesmo parece ter ocorrido a JACQUES SULTANA, pintor francês, que desenvolveu uma obra que passou longe do olhar crítico e mediático. Mesmo os mais próximos, pouco conheciam sobre a sua pintura. Quando morreu em 2012 tinha salas repletas de telas de homens nus ou composições em que a presença masculina é o tema. O que se destaca de imediato é o tratamento quase fotográfico que dá aos seus retratados enquadrando o seu estilo no hiper-realismo, um movimento que nasceu nos EUA nos anos 70 para se confrontar com as telas monocromáticas ou campos de cor mais ou menos geométricos que prevaleciam na pintura na final do modernismo. No essencial este movimento cria uma aproximação ao realismo que a sugestão fotográfica dada às imagens estabelece.

SULTANA muito provavelmente apreciou na sua juventude o aparecimento do hiper-realismo, mas só muito mais tarde, na última década da sua vida cria o corpo consistente de pinturas que a Galerie du Passage de PIERRE PASSEBON veio a dar a conhecer. Durante a sua vida profissional usou sempre o desenho e a pintura como ferramenta mas colocou o seu talento ao serviço da produção de maquinaria industrial e em projetos de publicidade. Por isso quando SULTANA retoma a pintura a tempo inteiro tinha já uma idade avançada e pintar daquela forma hiper-realista podia parecer até algo anacrónico. Até os rapazes jovens de cabelos longos que representa parecem não ser desse tempo em que os pinta. Grande parte do seu trabalho é desenvolvido por volta de 2005 longe desse atmosfera idílica que procura nos dar.

É interessante perceber que o hiper-realismo na sua aproximação à fotografia, aparece muitas vezes como comentário social, hiperbolizado, muitas vezes sarcástico. Em SULTANA na sua relação com hiper-realismo procura explorar a questão do percepção do tempo fotográfica. Ou seja, a fotografia diz-nos mais sobre o que foi do que algo sobre o que é. É esse tempo morto e congelado provavelmente numa imagem de arquivo que parece fascinar o pintor. Nos quadros que nos chegaram reconhecemos até os lugares em Paris que representa, mas referem-se sempre a um tempo passado, o da sua juventude, muito idealizado.

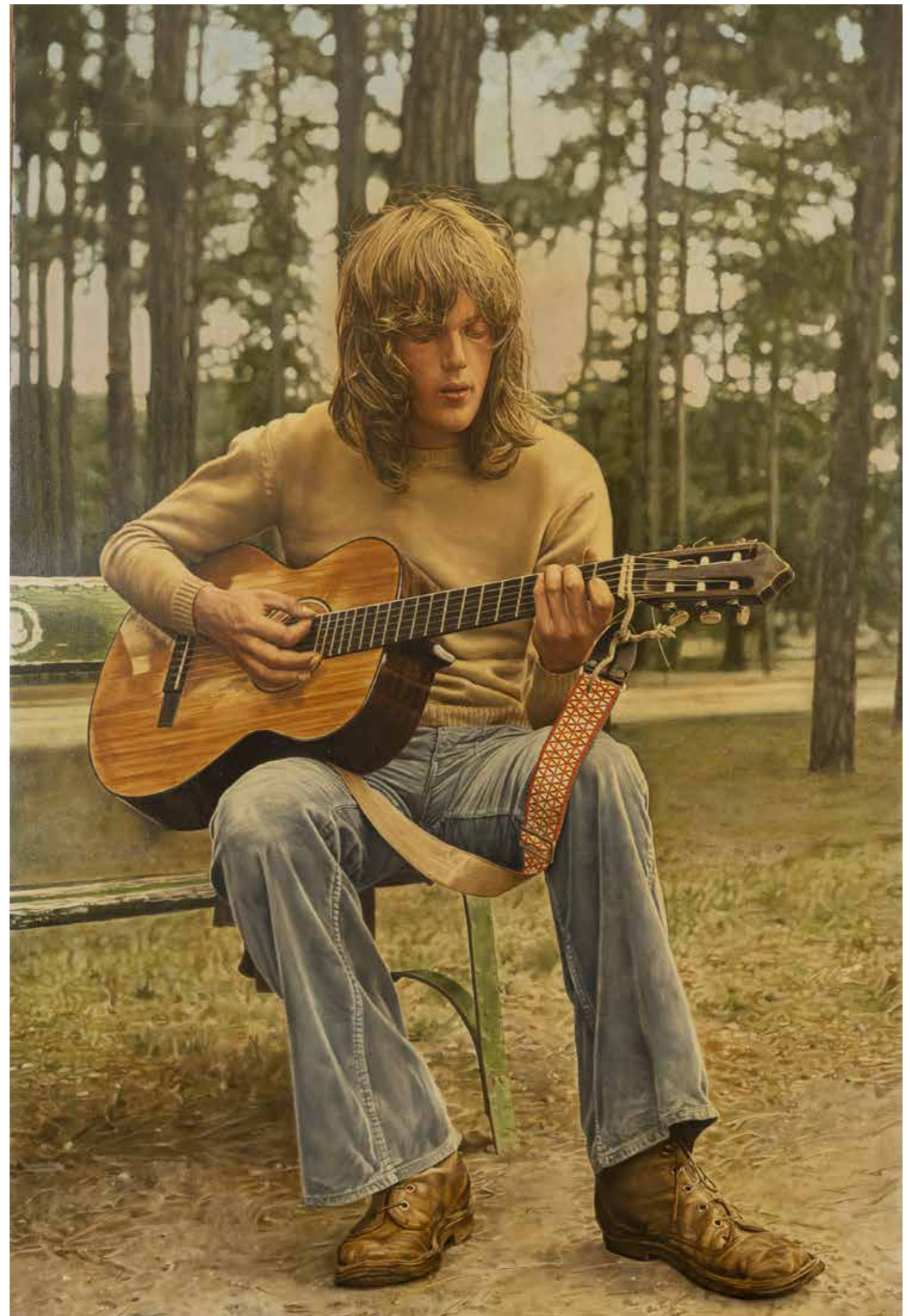
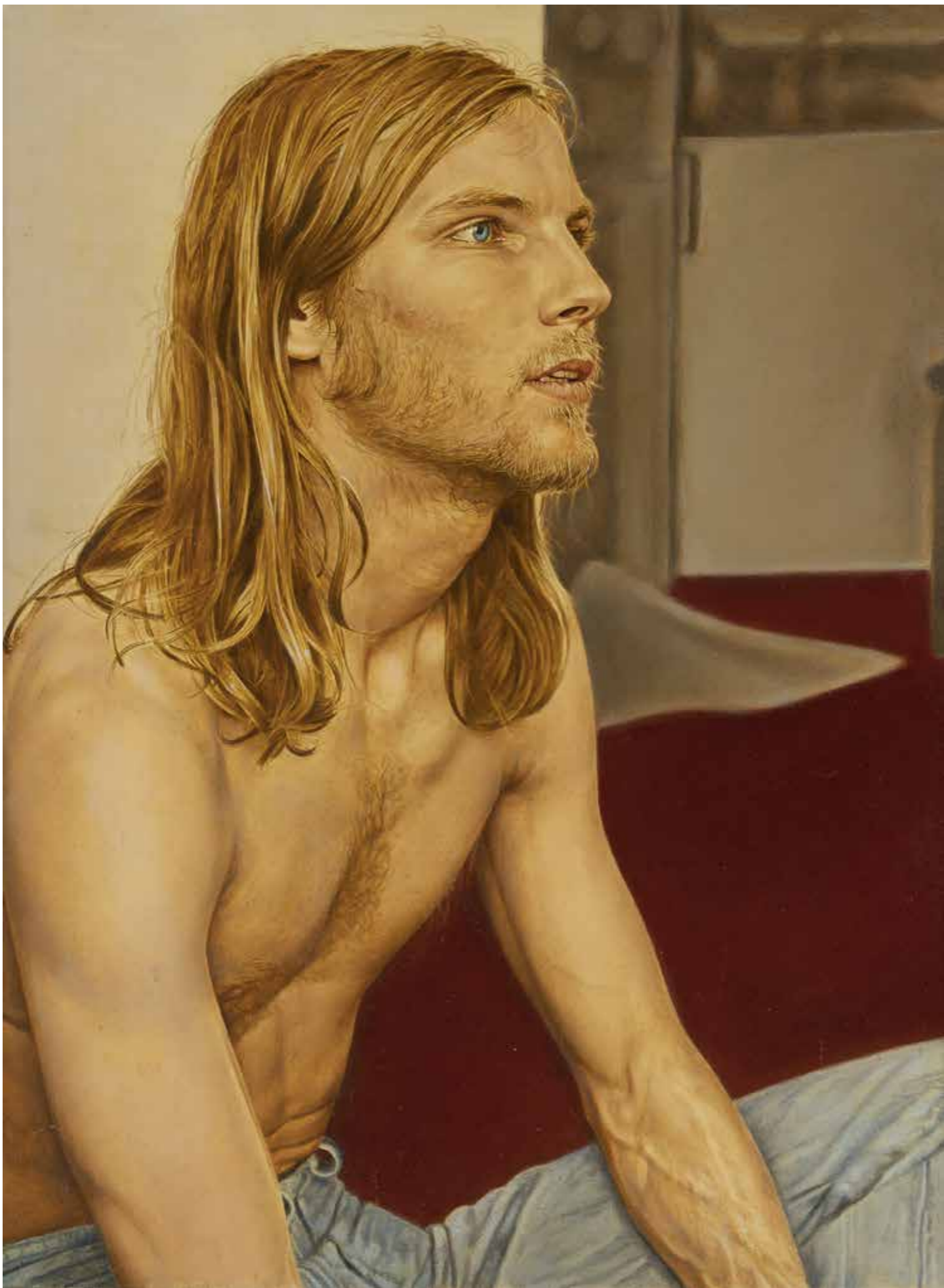
Nesses ambientes representa jovens louros, levemente atléticos em actividades ao ar livre. Curiosamente, independentemente da familiaridade da paisagem não os reconhecemos necessariamente como parisienses, antes mais como californianos, jovens skaters ou surfistas. Tudo parece real, porque realismo pictórico da sua técnica remete-nos para uma cena captada por uma objetiva fotográfica. Há a ilusão de que se trata de algo que acontecia ali mesmo, um instante captado por uma lente fotográfica. Contudo o que fica é uma espécie de idealização desses momentos. Esse momentos que surgem nos seus quadros, são de certa forma como únicos e absolutos tal como acontece na fotografia e como tal absolutamente preciosos. Ou seja, SULTANA reconstrói nas suas telas os momentos dourados, verdadeiros ou imaginários, com a ilusão de serem reais dado pela natureza fotografia que lhe confere uma ilusão de autenticidade.

A par do hiper-realismo, SULTANA mergulha ainda numa certa tradição da cultura gay que muitas vezes se foca num tempo dourado imaginado que se afasta do tempo quotidiano opressor. Desde o início do século XX, na literatura e nas artes em geral houve um conjunto de artistas que procurava na aproximação à cultura clássica, nomeadamente a grega, encontrar esse mundo ideal que não deslumbravam na sua época. Para os jovens vitorianos gays, sair dos seus países proporcionava já por si, a possibilidade de uma fuga no espaço e no tempo onde puderam fantasiar um universo longínquo, que gostavam de recriar e que no fundo era

uma forma de experimentarem novos modelos do ser com novas ideias e comportamentos fora do universo heterossexual. Ao contrário do universo cristão identificavam-se mais com deuses mais humanos cheios de desejos, moralmente duvidosos.

Tal como essas gerações que encontraram os seus deuses numa idade de ouro, também SULTANA encontra em Paris os seus jovens louros que são a mira do seu desejo erótico numa época idealizada. É como se estivesse a reconstruir uma idade de ouro na cidade onde residia a partir de uma lembrança dos anos 70, época em que chegou à capital francesa, fugindo do seu contexto familiar opressivo para poder viver em liberdade a sua sexualidade oprimida. Ou seja, duas décadas depois propõem uma realidade idealizada, numa atitude de imediatismo visual e de distanciamento emocional como também acontecia no cinema da *Nouvelle Vague*. Em ambos, a literalidade da imagem torna a sua pintura densa mas opaca, longe de todo significado narrativo e de toda implicação psicológica.

Faz agora sentido visitar o universo de SULTANA por ser mais um artista que sexualiza o corpo masculino na arte contemporânea através da transgressão dos códigos estabelecidos nos comportamentos do corpo. Como muitos artistas usaram a fotografia, SULTANA usa a pintura que acumula em casa como uma espécie de arquivo pessoal do desejo que confronta os sistemas de circulação das representações de masculinidade convencionalmente. O desejo, sobre o corpo masculino na arte contemporânea desestabiliza o olhar heterossexual até então predominante na história da arte. O que encontramos na sua pintura é uma erotização das suas personagens que nos são dadas como figuras reais e próximas. Estas pinturas, muitas vezes, produzem um estreitamento das relações artista/modelo e assim ampliam os campos de sensualidade. Há algo homoerótico semelhante ao que descobrimos nos filmes e polaroids de ANDY WARHOL. O efeito homoerótico que SULTANA produz nas suas telas opera uma dimensão estética e política, mesmo quando a última não seria o seu objetivo imediato. Contudo as suas telas contribuem para o pensamento crítico sobre as sexualidades e a criação do erótico através da visualidade.









IVVI ROMÃO

vestido Victoria Beckham Body,
brincos Rosantica

Entrevista Sofia Seixo Garrucho
Fotografia Miguel Domingos

Artigo financiado pela Near Protocol
Agradecimentos Mãe Solteira Records DAO



Entre a performance e o cinema, a dança e a moda, IVVI ROMÃO, tem-se distinguido nas mais variadas disciplinas artísticas. Pelos espaços por onde passa, tem consciencializado as pessoas sobre questões de género, nomeadamente a transexualidade ou a binariedade que nos foi imposta pelo pensamento normativo de origem cristã e colonial. Lançou recentemente o *FundFest* “um festival para reunir e celebrar a diversidade de ser quem se é”, onde procura dar visibilidade a artistas LGBTQIA+ emigrantes da cena *underground* Lisboaeta.

Tens despertado grande interesse mediático com entrevistas a vários meios de comunicação. Demonstras ser uma pessoa detentora de um grande auto-conhecimento e de uma garra imensa para viver e ser bem sucedida numa sociedade cis-normativa branca. Sentes que depois das várias lutas travadas, nomeadamente no universo da moda, o teu corpo começa a ser mais aceite na indústria?

Eu acho que a moda em Portugal se está a desenvolver bastante e, felizmente, tem marcas como JOÃO MAGALHÃES, MARQUES ALMEIDA, CONSTANÇA ENTRUDO, SUPERFICIAL, que têm uma filosofia e uma forma de pensar que eu vejo como visionária, e que lutam para mudar essas questões. Mas não vou dizer que é fácil, porque não é. Eu continuo batendo pé, todos os dias, em vários lugares enquanto modelo, para afirmar não só a minha “mulheridade”, mas o meu corpo trans, o meu corpo dissidente, que só por existir é um corpo político. E às vezes, a impressão que passa é que as pessoas parecem que preferem viver na ignorância, cometendo os mesmos erros que foram falados, muitas, muitas vezes, como tratar no masculino, chamar pelo nome morto, e às vezes você percebe que é propositado. Eu acho que essa guerra está longe de acabar, mas enquanto tiver pulmões vou estar lutando. Porque não é só por mim, não é só pelo meu corpo, até porque eu me sinto privilegiada nesta situação. Muito até! É mais pelas outras que estão por vir. Porque eu sei que eu só estou onde eu estou, porque muitas morreram, entendeu? Eu quero abrir portas e espaços para que outras possam fazer aquilo que eu faço. Eu quero ser e fazer a diferença para a geração que está vindo.

Estudaste teatro na Fábrica da Criatividade, em São Paulo, e levas já mais de 9 anos bailado clássico, tendo no teu currículo instituições como a Cia Paulista de Dança, a Escola de Teatro Bolshoi e a London Russian Ballet. Nas entrevistas referidas anteriormente, explicas que sofreste bastantes abusos de cariz transfóbico e, desde então, não voltaste a atuar para nenhuma companhia. Gostarias de voltar a dançar, caso houvesse uma melhoria no trato por parte das grandes instituições de teatro e dança para com corpos dissidentes?

Sim, eu adoraria voltar a dançar, porque afinal são 9 anos da minha vida dedicados a essa arte. Mas quando a gente pára para pensar na base e na podridão que as artes clássicas trazem por trás, pensar que num futuro muito próximo essas mesmas ações assassinas não vão mais acontecer, é quase como pensar num futuro utópico. Porque no ballet clássico, que é onde eu fui formada, é o meu berço das artes, a base é muito binária. Deixar como ela repsondeu, acho que essa correção modifica um bocado o que ela quis dizer. O ballet clássico onde eu fui formada é uma arte binária e muito machista, uma vez que as mulheres inicialmente nem podiam dançar e quando se tornou possível, a saia tinha de cobrir o calcanhar. Então pensar numa travesti enquanto primeira bailarina, por mais que seja uma grande vontade, que seja um grande sonho, torna-se impossível e não é a cor de pele, não é o género, não é a minha genitália que define a boa profissional que eu sou. Sinto que é uma realidade distante ainda. Eu nunca conheci nenhuma bailarina trans e enquanto bailarina já ouvi coisas do género: “*não precisamos*

de duas princesas no palco”, agressões que por mais que nós pensemos que são esdrúxulas, elas ainda continuam acontecendo. E eu acho que ainda vai demorar um pouco para essa realidade melhorar, mas eu adorava voltar aos palcos, caso essa realidade mudasse.

Estes eventos filantrópicos que criaste têm em vista não só a tua cirurgia de redesignação de sexo, mas também outras causas LGBTQIA+, podes explicar o porquê desta escolha?

Pode não ser para muita gente, mas para mim é óbvio que as oportunidades não são as mesmas, as dificuldades não são as mesmas, que o acesso a esse tipo de privilégio, infelizmente, ainda é muito distante. Quando eu falo de pessoas trans, de pessoas não brancas, de pessoas emigrantes, eu quero poder ter a possibilidade de fazer com que “as minhas” possam desfrutar desses lugares que são importantíssimos e necessários. Porque quando eu penso em comparação a essas dificuldades, quando eu acordo às 5 da manhã para pegar o transporte e ir para a escola, para universidade, o que seja, tem pessoas que acordam às 8 e a preocupação é se o suco é de laranja ou de maçã. E quando você fala de pessoas travesti-géneres, a realidade é outra. Eu falo por mim mesma, que tive o privilégio de estudar em instituições de grande renome e relevância cultural, e ser a única pessoa não branca na minha turma, ser a única pessoa trans, e a falta de espaço e representatividade é gigantesco!

O acesso é escasso, e eu acho que o cis-tema quer continuemos na ignorância, na marginalidade. E por isso, a luta é que as pessoas, no geral, comecem a enxergar que não é normal a ausência de certos corpos em certos lugares, quando no meu ponto de vista, isso deveria ser de acesso universal, independente se você é ele, ela, ou se você não é nada. Porque conhecimento e estudo, tem e deve ser um direito de todos.

Em 2020 apresentaste a performance *Corpos* no Plantasia, em Lisboa. Queres explicar em que consistia esta performance?

Posso explicar, sim. *Corpos* surgiu logo depois de uma tentativa de suicídio, depois de estar passando por um processo de auto-aceitação e lutando pela aceitação enquanto pessoa trans. Então decidi pesquisar, estudar mais sobre a realidade travesti. Porque, como eu já disse, eu me sinto muito privilegiada por ser quem sou e por estar nos espaços em que estou. E aí eu achei um caso de um assassinato de uma travesti que foi encontrada num rio, desconfigurada, sem documentos de identificação, e com um saco amarrado na cabeça. Isso mexeu muito comigo. Em conversa com a minha mãe, que é uma pessoa muito religiosa, fazendo uma analogia do corpo, do meu corpo, dos corpos, não é? Santos, enquanto criação divina, me surgiu essa questão que é: eu fui criada em imagem e semelhança a Deus, logo, eu sou um corpo santo. E Deus é amor, é respeito, é imensidão. Mas as pessoas que se ajoelham todos os dias numa igreja, que para mim só fede a podre e a hipocrisia, dizendo “*em nome de Deus, Amém*”, são as mesmas que matam, que dissipam o ódio, que pregam um Deus que é diferente do Deus que eu conheço. Então, eu escrevi esse projeto, uma vez que Portugal é um país super católico, super religioso, e é o país que me acolheu enquanto travesti, enquanto mulher trans. Fazendo uma crítica a esse religioso, foi botar o meu corpo nesse local de vulnerabilidade, de exposição, e fazer com que as pessoas vissem a minha realidade do outro lado da moeda. Foi uma crítica ao religioso-social, usando o meu corpo como artifício para isso. E foi muito interessante porque tiveram pessoas que realmente se envolveram e comoveram com a performance, pessoas com históricos muito religiosos e que conseguiram entender a mensagem que propus na peça. Tinha pessoas que nunca tinham ido à Igreja, nunca tinham comungado, e ali tiveram a primeira comunhão comigo, enquanto um corpo marginalizado, um corpo travesti, um corpo santo, que sangra, que chora, um corpo que grita pela vida, que grita por existir.

Com este festival tu levantas também uma questão muito importante, que é a falta de acesso à saúde transsexual. Queres explorar esta ideia?

Sim! A saúde das pessoas trans ainda é uma coisa que tem de ser muito discutida, porque na maioria das vezes, e aqui falo por mim mesma, a sensação que se tem é que jogam a gente de um lado para o outro, e ninguém realmente dá a importância que deveria ser dada. O sistema público de saúde não funciona como deveria, e ninguém entende que a urgência que nós temos não é enquadrada no tempo dessas instituições. Eu não consigo dar início ao procedimento de hormonização e esperar quase 6 meses para uma primeira consulta. E mesmo assim, quando chega a consulta, ter que passar por situações que são humilhantes, que são muitas vezes desumanas, os profissionais de saúde não estão preparados para lidar com o nosso público. Eu não posso esperar anos para uma possível cirurgia, quando são-me colocadas muitas barreiras, a partir do momento que a patologização do meu corpo é feito por pessoas hetero-cis-normativas, que decidem o que eu posso ou não fazer com ele.

Eu, para conseguir fazer uma cirurgia, enquanto pessoa trans, preciso de laudos médicos que me coloquem numa posição de louca, na qual eu tenho um défice x, y, z, que vai sair enviado para a Ordem dos Médicos, para passar por uma aprovação, novamente por pessoas hetero-cis-normativas, para validar. Só nesse momento vai ser sim ou não. Enquanto que numa pessoa cis, se ela quiser ou não colocar um peito (silicone), o processo não é o mesmo, porque não conheço até hoje nenhuma mulher ou homem cis-géneros que tivessem que passar por exames psiquiátricos para fazer qualquer tipo de cirurgia estética. A necessidade de nos colocar num local constante como doentes, é cansativo e desgastante. Nem todas as pessoas têm o privilégio de pagar por uma instituição privada.

A cirurgia de redesignação genital custa 15 mil euros. Num país em que o salário mínimo é 700 e tal euros e onde a renda mínima é 350 euros (com sorte!) torna-se impossível fazer os acompanhamentos necessários no privado. As demandas são muitas: endocrinologia, psiquiatria, psicologia, são algumas das áreas em que pessoas trans têm de ser acompanhadas a todo o tempo. Agora, pensa na matemática: se eu recebo 700 e tal euros, pago 350 euros de renda, pago uma consulta que já me deixa 80 e tal euros, outra que me deixa 100 e tal euros, mais os remédios e hormonas, que são necessárias em muitos dos casos, os números não fecham. Comer também é uma necessidade, transportes são uma necessidade. A marginalização de corpos trans dentro de instituições médicas é imensa e não temos a atenção necessária. Não existe um tratamento específico para os corpos trans. Eu faço tratamento de reposição hormonal que é indicado para mulheres cis na menopausa, homens trans fazem tratamentos indicados para homens cis na andropausa, tenho amigas que tomam remédio para grávidas, para fazer com que os seios cresçam. Não existe uma linha de tratamento pensada e desenvolvida para corpos trans.

O Festival traz todos esses pontos, para tornar mais possíveis a existência desses corpos e chamar a atenção para o descuido e o descaso que nós passamos. Nós precisamos de profissionais direccionados e que saibam nos atender, precisamos de instituições que pensem na nossa existência como pessoa, não como estatística. E trazer esses pontos no festival não é andar em círculos, é andar em frente. É poder passar a mensagem para quem mais precisa, é poder tirar corpos da margem e trazer para o centro. Nós existimos e temos que ser vistas e ouvidas!

fashion Tiago Ferreira
make-up Verónica Zoio
talent Ivvi Romão na Blast Models

body Khaite,
brincos Saint Laurent



blazer, brincos e luvas Saint Laurent,
leggings Victory Beckham Body

**Eu continuo batendo pé, todos os dias,
em vários lugares enquanto modelo, para
afirmar não só a minha mulheridade, mas o
meu corpo trans, o meu corpo dissidente,
que só por existir é um corpo político.”**



Quero abrir portas e espaços para que outras possam fazer aquilo que eu faço. Eu quero ser e fazer a diferença para a geração que está vindo.



vestido Victoria Beckham Body,
brincos Rosantica

Eu não posso esperar anos para uma possível cirurgia, quando são-me colocadas muitas barreiras, a partir do momento que a patologização do meu corpo é feito por pessoas hetero-cis-normativas, que decidem o que eu posso ou não fazer com ele.



top Alexander McQueen,
leggings, clutch e brincos Saint Laurent



top e leggings Victoria Beckham Body,
brincos Saint Laurent

**A marginalização de corpos trans dentro
de instituições médicas é imensa e não
temos a atenção necessária. Não existe um
tratamento específico para os corpos trans.**



sobretudo e brincos Bottega Veneta



156

PEOPLE

blazer
Saint Laurent



157

PEOPLE

vestido Saint Laurent

**Nós existimos e temos que
ser vistas e ouvidas!**

158

PEOPLE



159

PEOPLE

PARQ
FASHION

PEOPLE

fotografia Tatiana Saavedra @tats.aavedra
styling Sara Soares @cestfantastique
ass. styling Marine Sigaut @mar__s__igu
make-up Du @thatsdu
hair Lis Mulder @lis.mulderr

talents

Aguineth Vicente

Ginho

Nic Robalo

Lucas Rosa

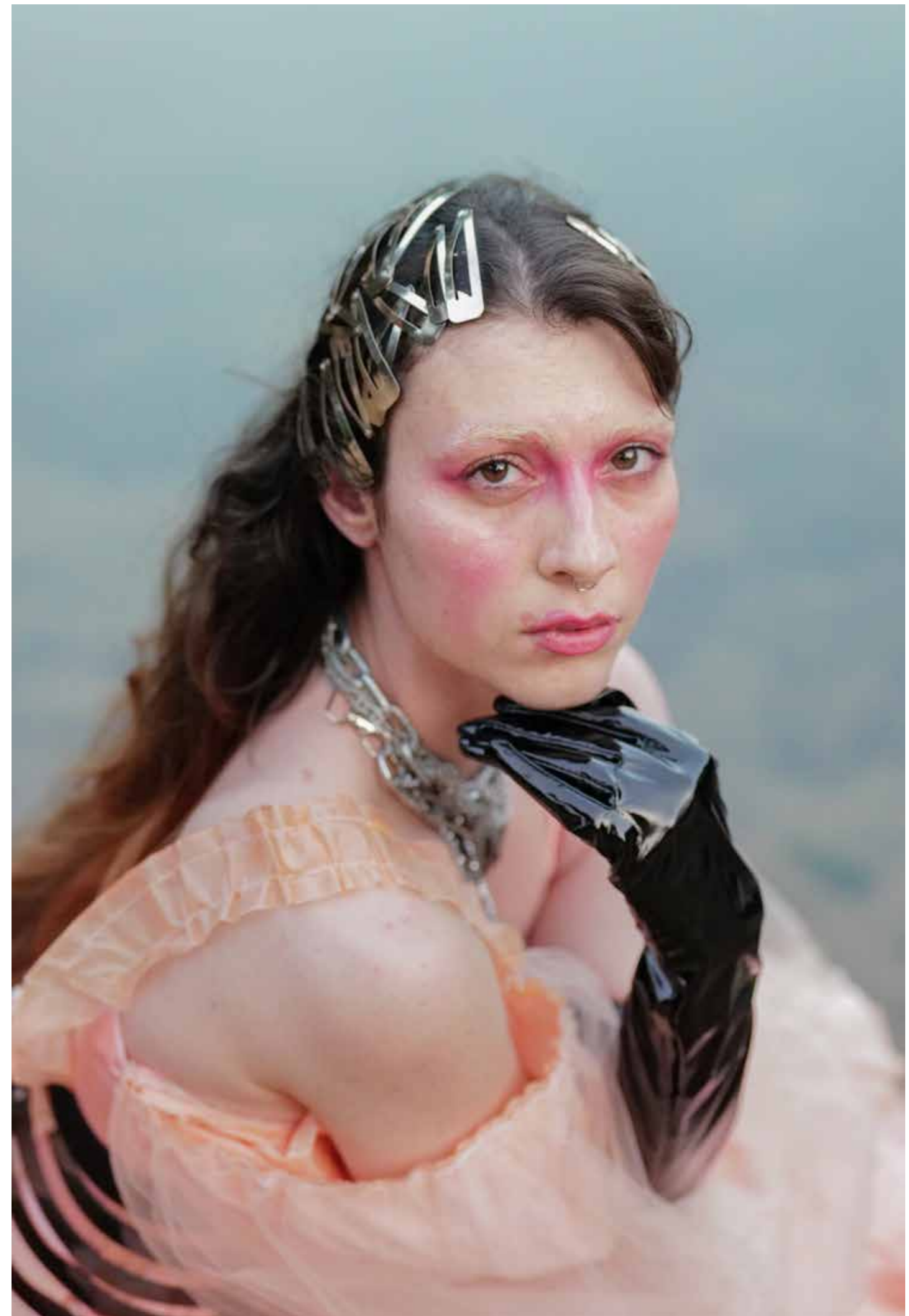
Lorenzo Nóbrega

Giovana Dantas

Agradecimento especial
ao Capela Oliveira.



Nic Robalo vestido Çal Pfungst, cinto e luvas Necromancer Vintage, colares Sara Valdez, bodychain Teiatrama, bustier Fire&theFreaks





Ginho corpete branco e hotpants, Necromancer Vintage,
colares Sara Valdez, peruca Capela Oliveira



Lorenzo Nóbrega bolero Donna Noir, arnês e plataformas Necromancer Vintage,
top assimétrico Intracollective, calças Veehana, anéis Rocha Carvão



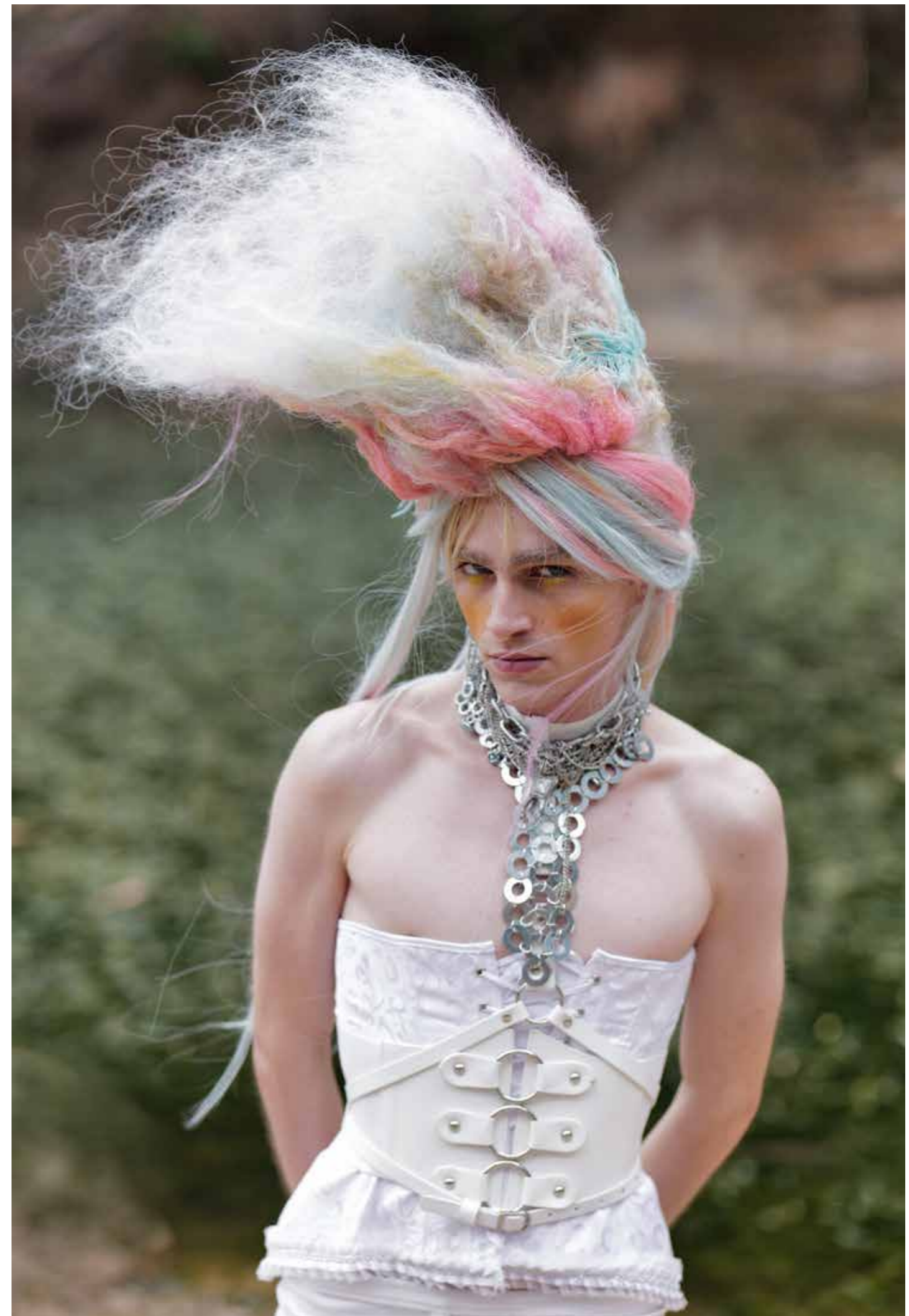


Giovana Dantas vestido Francisco Félix, headpiece Valentim Quaresma

Lucas Rosa vestido e manga Intracollective, corpete Sara Valdez, colar de franjas usado como saia Valentim Quaresma, botas Alves/Gonçalves



Ginho corpete branco e hotpants, Necromancer Vintage,
colares Sara Valdez, peruca Capela Oliveira



MAITÉ e SOFIA

fotografia diananeto.art@gmail.com

styling @iam__zola

ass. styling @ade_sempio

beleza @alicefsmorais

modelos

@maitestornii

@sofiaemiko

da @karacteragency

Sofia casaco em malha Kocca

Maité camisa Vans

178

PARQ FASHION



179

PARQ FASHION







Sofia tshirt Ricardo Andrez
Maité tshirt Fred Perry
184

Sofia e Maité soutien Sloggi



Sofia e Maité tshirt dupla Alexandra Moura, jeans Guess,
sandálias Birkenstock, jeans Mango, sanálias Palladium
185



Sofia tshirt Ricardo Andrez, bikers Mango, sandálias
Birkenstock, colares Mango, brincos Carolina Curado
186

Maité tshirt Fred Perry, calças Lacoste, sandálias Palladium, brincos Mango
187

PARQ
HERÉ

W ALGARVE

texto Francisco Vaz Fernandes

A cadeia de hotéis W acaba de se instalar no Algarve perto da Praia da Galé na zona de Albufeira e chega para revolucionar a oferta hoteleira algarvia, quebrando com o luxo tradicional e prometendo ser o spot de verão “para ver e ser visto. Comparativamente a outros W, este projeto trouxe novidades porque teve que se adaptar contexto de destino de praia. Ou seja, é um W Hotel Escape, manteve aquele espírito urbano e jovem que encontramos num W Barcelona, um dos mais emblemáticos da cadeia, mas com uma componente resort com serviços extras que não estarão tão desenvolvidos em projetos anteriores. Tal como nos outros W procuram que o seu espaço seja muito permeável à realidade cultural local e por isso, em geral, os seus hotéis funciona como um interface onde tanto recebem eventos que venham de fora, como criam uma agenda de eventos atrativa que participe na dinâmica cultural local. A ideia é atraírem os agentes que dinamizam a cultura local a misturarem-se com os hóspedes para que esses possam usufruir de verdadeiras experiências únicas. Tudo o que pode acontecer de mais excitante nas cidades locais também está de alguma forma no W. Vale a pena espreitar a agenda do W Algarve porque pode trazer muitas surpresas ao nível de espetáculos e dj sets programados. Já ameaçaram e para abertura oficial trouxeram uma poderosa Rita Ora que atuou num palco profissional montado no relvado, em muito semelhante a algo que podemos encontrar num festival de verão. Um momento inesquecível porque nada parece muito extravagante para W Hotel: A começar uma diversidade de sotaques a fazer um apelo à pluralidade que se cultiva nesse equipamento hoteleiro. Localidade, também se transpira, nos detalhes decorativos, mas embrulhados numa dimensão de luxo cosmopolita.

O W Algarve conta com 134 quartos, a começar por um modelo standart espaçoso com varandas generosas e privadas onde cabe um sofá e uma mesa de pequeno almoço para dois de onde se pode deslumbrar grande parte da área social do hotel, a piscina e mesmo o mar. Em cerca de 10 minutos a pé através de um acesso exclusivo do hotel é possível chegar à orla da costa e a pequenas praias. Existem 10 suites merecidamente chamadas WOW, todas com terraço privado. Entre elas 2 E WOW, um modelo superior com 200 metros quadrados e que é a perfeita redefinição que os W hotels fazem da clássica suite presidencial. Com dois arejados andares contam com uma espaçosa sala, um terraço panorâmico, com uma mesa de mistura e, o que pode ser a cereja no topo do bolo, com uma piscina infinita. Perfeito para quem queira dar uma festa privada dentro de um hotel porque espaço para convidados e histórias sobre esse momento não vão faltar.

W Algarve
Estrada da Gale,
Sesmaria, Albufeira

T +351 289 372 300

@walgarve

190

PARQ HERE

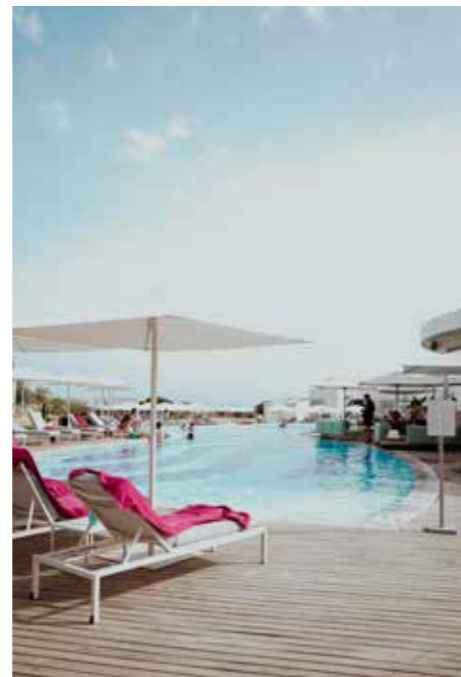


191

PARQ HERE

Wet Deck

O wet deck ocupa a zona central da propriedade do W Algarve e desenvolve-se em torno da piscina infinita de nível duplo, perfeita para banhos de sol, ritmos descontraídos e *cocktails* de verão. Tem como principal apoio uma zona de bar onde podem servir todo o tipo de bebidas, assim como refeições ligeiras e *quick bites*.



Away Spa

Concebida para ser a combinação ideal de tranquilizante e revitalizante, o AWAY® Spa dispõe de seis salas de tratamento, incluindo uma sala para casal, um cabeleireiro, um bar de manicure e pedicure. Os hóspedes podem encontrar o equilíbrio nos tratamentos faciais com máscara LED e também as cabines Express Booths, perfeitas para retoques finais antes do jantar. O spa incorpora ainda uma zona com sauna, banho turco, hidromassagem e uma área de relaxamento ao ar livre com vista para os jardins da propriedade. Socialize no Beauty Bar com um cocktail na mão, antes de fazer um test drive nos tratamentos personalizados com a marca de skincare Comfort Zone.

Ginásio

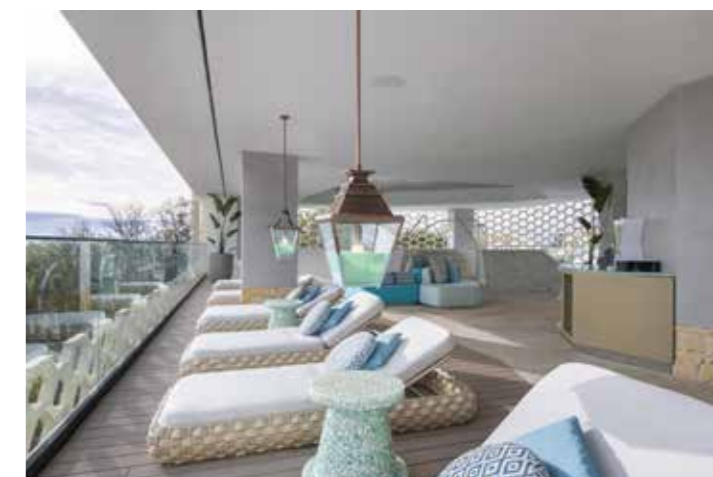
Os treinos de alta intensidade e os bootcamps oferecidos no ginásio FIT são a tradução dos pilares de bem-estar social e energia da marca W. Localizado no segundo andar, o FIT dispõe de 134 metros quadrados de espaço interior e mais de 320 metros quadrados de espaço exterior, totalmente equipado com o mais recente equipamento TechnoGym® e uma Power Rack Olímpica para todos os hóspedes que preferem um nível de fitness mais avançado. O ioga Sunrise ou um mergulho no WET Deck são outras duas alternativas para recarregar energias, e terminar a estadia no Algarve com mais equilíbrio e resplandecência.

Restauração

W Algarve convida os hóspedes a descobrirem cinco tentadores destinos gastronómicos, cada um oferecendo pratos únicos e inspirações surpreendentes. A direção executiva está a cargo do chef português Nuno Gonçalves, que regressou recentemente ao Algarve após 13 anos fora do País O Market Kitchen, no piso térreo, com um amplo espaço interior e exterior apresenta uma cozinha local re-imaginada para criar interpretações modernas de clássicos de inspiração global, frescos da terra e do mar. Situado no topo do hotel com um terraço espetacular, o restaurante Paper Moon oferece uma vista panorâmica sobre o Oceano Atlântico. A irmã mediterrânica do original restaurante milanês, Paper Moon Giardino, serve uma cozinha italiana autêntica e premiada.

Bares

Ao lado, o Sea Sky é o local perfeito para beber e socializar com um cocktail pré ou pós jantar, admirando a paisagem da baía dourada de Armação de Pêra, onde penhascos escarpados se encontram com o horizonte do oceano. Já o W Lounge é o local perfeito para começar ou terminar a noite, com petiscos frescos e um eclético menu de bebidas que vai desde o café português de origem única, até às elaboradas libações artísticas, que têm como base vinhos das principais produtoras de vinicultura portuguesa lideradas por mulheres



EDITORY BOULEVARD HOTEL ALIADOS

texto Francisco Vaz Fernandes

Ding Dong, estúdio de arquitetura e de interiores. O Editory Boulevard Hotel Aliados, o nono equipamento hoteleiro do grupo Editory Hotels, resulta da junção de dois edifícios já que o imóvel principal liga-se pelas traseiras a um outro adjacente com porta para a Rua do Almada. O conjunto do edificado sofreu uma ampla recuperação, reabilitação e ampliação do espaço, optando-se no seu conjunto, a uma linguagem estética que revisita o passado a partir de uma reinterpretação contemporânea. As duas fachadas acabam por criar duas dinâmicas distintas e se por um lado a parte virada para avenida, mais nobre, é de acesso exclusivo aos clientes, a outra virada para a rua do Almada, torna-se mais social com o acesso direto a zona de bar e restaurante aberto ao público em geral.

Em termos gerais a Ding Dong consegue que o Editory Boulevard Hotel transmita um ambiente de uma residência mas adaptada as necessidades de um espaço público. Profusamente decorado, com múltiplas soluções de arquitetura e de decoração, o espaço, junta tanto peças de design contemporâneo como peças únicas com valor histórico, obras de arte e de artesanato de referencia, resultando daí, numa atmosfera doméstica onde o conforto ressalta no final. Diríamos estar na casa de um colecionador eclético, um pouco excêntrico, até, que nos leva por um percurso que é carrossel de emoções, dado o nível de detalhe e surpresa que nos vai surgindo. Registamos ao final, as boas emoções dessa viagem.

Não há lugar para repetições e a monotonia que encontramos em certas cadeias de hotéis standarizados é simplesmente rejeitada. Na verdade, estamos sempre a tropeçar em mais qualquer coisa que há primeira vista não nos chamou tanta atenção. Até por isso, este espaço merece ser mais vivido, o que aprofunda a sensação de autenticidade e de único, conduzindo-nos ao sentimento de sofisticação. O Lobby é um espaço luminoso revestido em geral por materiais naturais. O balcão de acolhimento, é apenas um, entre vários, mini ambientes, que se distribuem à entrada. Apesar de ser a zona de maior circulação ainda assim, a Ding Dong, conseguem sublinhar uma ideia de intimidade e de espaço doméstico em cada núcleo criado.

Ainda referente as partes mais sociais do hotel, o bar, com entrada pela rua do Almada é facilmente percebível, até pela exuberância da pintura mural que tem como tema, o circo. Capta facilmente o olhar do transeunte a partir de uma larga vitrine exterior. Aqui procurou-se combinar o conforto de uma casa com a excentricidade do conceito circense. Os elementos decorativos, voltam a ser profusos, tal como, os que vamos encontrar mais adiante no restaurante. São áreas complementares, exuberantes, mas ou mesmo tempo, intimistas, convidam a entrar. Se continuarmos o percurso entramos então numa zona de pátio que separa os dois edifícios onde foi instalado uma piscina com água aquecida que é um verdadeiro oásis e um luxo no centro do Porto. Os revestimentos são em pedra natural, joga-se com os contrastes do preto e branco, uma geometria amplamente recortada pela intensidade do verde da natureza que se juntou para sublinhar o exotismo do conjunto. Existem mesas e outro mobiliário de exterior que tornam esse espaço ao ar livre, anexo às áreas de restauração e bar, num lugar muito apetecível



↑ Michael Miranda e
Davide Gomes da Ding Dong



Relativamente as opções de quartos que o hotel oferece, voltamos a encontrar muitas soluções adaptadas ao miolo já existente. Agora manualidade, sofisticação discreta e intemporalidade, são as palavras de ordem. Quando entramos num dos quartos, temos até a sensação de que estaria ali, assim, desde sempre, não obstante olhar contemporâneo que transparece no mínimo detalhe. Temos voluptuosidade e simplicidade nos revestimentos em papel de parede, nos jogos de cores que as vezes chegam a ser ousados. Veludo nas cabeceiras das camas, secretárias e mesas de cabeceira a carvalho escurecido, completam quartos que levam os clássicos tapetes de Monsaraz desenhados especificamente para os lugares que ocupam. As instalações sanitárias seguem a inspiração clássica. Novamente o branco e preto dominam, a começar pelo pavimento que é revestido com riscas alternadas de pedra natural preta e branca. Por tudo isso, o Editory Boulevard Hotel, na baixa do Porto é uma verdadeira caixa de joias, pronto a surpreender.



Editory Boulevard
Hotel Aliados
Av. dos Aliados 141
147, Porto

T +351 220 102 500

www.editoryhotels.com

196

PARQ HERE



197



PARQ HERE

GELATERIA LA ROMANA

texto Maria São Miguel

A Gelateria La Romana, uma casa com 75 anos de história chega a Lisboa apresentando o melhor da tradição italiana e do gelado artesanal. Abriu pela primeira vez portas em Rimini e foi batizada com o nome da filha do proprietário, cujos os descendentes souberam aprimorar a receita, dar-lhe renome internacional estando hoje presente em várias cidades mundiais. Pela primeira vez em Portugal a tradição na GELATERIA LA ROMANA está à vista de todos, já que todos os gelados são feitos manualmente no *Laboratorio Artigianale* na própria loja. Os sabores são cuidadosamente preparados respeitando cada fase de produção: mistura dos ingredientes, pasteurização e descanso da mistura. Desde 1947 que a cuba de imersão é uma característica do balcão das lojas LA ROMANA, garantindo que o gelado está sempre cremoso e protegido de impurezas. Para que os clientes possam saboreá-lo imediatamente após a mistura, no auge da sua frescura, apenas são produzidas quantidades limitadas em vários momentos do dia. Alguns dos seus sabores são o *Crema dal 1947*, o *Zabaione Come una Volta*, o *Pesto di Pistacchio*, o *Pesto di Nocciola Trilobata* ou o *Croccante della Nonna*, aos quais se junta o sabor Pastel de Nata, num tributo à doçaria nacional. Outra questão importante são as opções vegan, gelados feitos sem ingredientes de origem animal.

La Romana
Rua de São Nicolau
44, Lisboa

Todos os dias das
13:00 às 23:00



HÁ SEMPRE ALGUÉM QUE VIVE PARA SEMPRE

Há sempre alguém que vive para sempre. E a prova disso mesmo, é que nós seremos matrioskas. Vivemos uns dentro dos outros. Os outros que serão eternamente nossos.

O que a minha tia Lurdes sempre me ensinou, sem sequer saber que o estava a fazer: Na década de noventa era eu muito pequenina, e no jardim Zoológico de Lisboa havia uma exposição de dinossauros. Em grande escala, daqueles que se moviam e faziam sons. Naquela altura, eu tinha livros de dinossauros e adorava o universo jurássico. Pedi muito para me levarem. Evidentemente que foi a minha tia comigo. Eu deveria ter 5 ou 6 anos, e a minha avó muito doente já mal podia andar, a minha tia andava sempre comigo.. Eram filas enormes de crianças com os pais. E lá estava eu na fila com a tia Lurdes. Ela comprava o bilhete para o jardim Zoológico assim como também pagava o bilhete da exposição. Fora gelados, que eu era criança que saía um bocado cara. Chegada à entrada daquilo era uma espécie de gruta, e mal nos aproximávamos, ouvíamos os sons assustadores dos “dinossauros”. Eu começava a agarrar-me à minha tia e chorava, tinha medo. Agarrava-me às calças dela e escondia-me atrás dela. Ao ponto de não querer entrar para ver os dinossauros. Dinheiro do bilhete perdido porque eu não estava capaz. Voltávamos para casa.

Durante a semana seguinte passava os dias a dizer-lhe que queria voltar à exposição, e a minha tia dizia: “Mas tu tens medo e não queres entrar. Nem passámos da porta!” E eu, teimosa e persuasiva lá a convencia de que no próximo fim-de-semana ia ser diferente. Mas acontecia o mesmo. Só há quarta ou quinta vez e sem exagero algum, é que entrei. Foram semanas a ir para o Zoo em jeito de romaria, custear bilhetes para eu chegar à entrada e começar a chorar. Um desses sábados, um funcionário do Zoo chamou a minha tia. Há vários sábados que assistia à mesma cena e naquele sábado deixou-nos entrar pela saída da tal gruta da exposição. Segundo ele, era menos assustador e ouviam-se os “dinossauros” à distância, e assim foi. Entrei, finalmente conseguimos. Vi, diverti-me e às tantas até já queria agarrar nos dinossauros, o que era proibido obviamente.

A minha tia fez-me as vontades, é verdade. Mas também um exemplo de que superamos os nossos medos. Foi com a paciência e amor dela que superei aquele medo infantil. Ao longo da minha vida adulta, olhei para trás e entendi o quanto momentos como aquele ajudaram a moldar a minha personalidade. Guardo a fotografia que nos tiraram à saída do Jardim Zoológico, eu de casaco encarnado e a Tia Lurdes sorridente.

Quase três décadas mais tarde, a tia Lurdes estava no hospital, entubada. Sem ela entender muito bem a sua situação pedia-me na hora da visita que lhe tirasse os tubos do nariz, ao que eu respondia “Não posso tia, não posso fazer isso”. A tia Lurdes respondeu-me a olhar fixamente para mim: “Filha, tu podes tudo. Tu consegues tudo, desde que queiras muito”. E a verdade é que ela não me disse aquilo apenas para me convencer a tirar os tubos da boca dela e do nariz, disse-o a olhar fixamente para mim em jeito de “nunca te esqueças disto”.

Felizmente ela saiu do hospital, a parte menos boa é que nunca mais voltou para casa. Ela nunca quis ir para um lar. Independente, a que acordava para ir ao pão, à missa, aonde queria. Falava pouco das faculdades e forças que lhe iam faltando, nunca se colocou na posição de vítima. Dizia que não tinha medo de nada, e que nunca casou porque “No meu tempo os homens mandavam nas mulheres e em mim ninguém manda”. Escolheu sempre a vida, mesmo quando a saúde foi ficando cada vez mais fraca. A caminho do lar que escolhi, sem ter tido grande alternativa. Chorei compulsivamente, nunca pensei algum dia ter de colocar a minha tia num lar. Mais tarde acalmei-me e pensei na nossa sobrevivência. Foi assim a vida toda. Ela assegurou a nossa e eu, a partir de certa altura tomei o lugar dela.

*Crónica de
Patrícia César Vicente*

ilustração Effe News

A caminho e já na ambulância menti-lhe: “Vais para uma clínica de recuperação”, ao que ela me respondeu: “Está bem, mas assegura-te ao menos que o lar para onde é bom” Passaram cinco anos desde essa viagem para o lar. Doeu muito nestes últimos anos assistir ao olhar cada vez mais vazio e distante. Aos poucos percebi que a minha tia nunca mais iria entender as voltas que a minha vida tinha dado, já não teria a noção das minhas conquistas. Isso dói, queria que ela soubesse, que tivesse orgulho. Chegar até aqui só se deveu a ela.

Mentíamos uma à outra, as vezes que fossem necessárias. Dizíamos que estávamos bem quando não estávamos. Não queríamos fazer sofrer uma à outra, a mentira nunca foi gratuita. A pergunta: “Precisas que te leve alguma coisa, tia?”, a resposta “Eu não preciso de nada, só me importa saber que estás bem”. Disfarcei sempre que as coisas não estavam assim tão bem: “Estou ótima tia, não te preocupes comigo.” Mas seria eu o seu amor maior. E para sempre ela será o meu. Para quem já leu o meu livro “Perpetuniana” sabe que acredito em vidas passadas, embora para a minha tia, a sua única crença fosse Deus. Ela cuidou dos seus pais até eles morrerem, e mais tarde cuidou de mim até ela morrer. Mesmo sem já sem conseguir andar, foi ela que sempre me fez correr o mundo. Por ela, porque queria que ela tivesse orgulho em mim e que sentisse que todo o seu esforço, amor e dedicação para me criar tivessem valido a pena, e acima de tudo queria assegurar que nada lhe faltava.

À porta da capela estava sozinha para aquilo a que a funerária chama de “receber o corpo”. A capela vazia e lá ficámos as duas. Afinal sempre fomos só nós as duas. Tia, deste-me a tua vida, e no fim só poderia ser eu a receber o corpo em troca da eterna saudade.

Tia-avó, irmã da minha avó. Solteira, alegre, refilona. Mãe. A melhor protectora, cuidadora. Amiga. Deu-me tudo o que tinha e tudo o que conseguiu ser. Companheira. Mesmo que não entendesse, o amor dela era maior do que tudo. Estando ao meu lado em todas as minhas decisões.

E o amor salvou-nos. Cuidámos o melhor que soubémos, mas a mim sabe-me a pouco. Tudo o que fizesse por ti ainda me soa a falta. Desde a pandemia que passei a dizer-te em todas as visitas e em todos os telefonemas “Obrigada por tudo o que fizeste por mim, obrigada titita.. Amo-te” E das últimas vezes respondias: “Obrigada filha, Deus Nosso Senhor te pague pelo que tens feito por mim”. Passou a haver uma troca de obrigados, como se soubéssemos que este fim na terra seria inevitável e poderia estar próximo.

Caí no chão no momento em que recebi o telefonema, foi como se tivessem arrancado a melhor parte do meu ser.

Se há amores que são eternos, o nosso será um deles com toda a certeza.

Tia Lurdes, dizias neste último ano que aquilo que mais querias era apanharmos as duas o autocarro e voltarmos juntas para casa. Talvez agora isto seja possível, no mesmo autocarro sentadas ao lado uma da outra em mundos paralelos. Dos que não se tocam, mas sentem. Dos que morrem para renascer e daqueles que têm de aprender a renascer depois de um grande amor morrer.

Dedicado à minha Titita
Maria de Lurdes Cezar
(1935-2022)





PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com

www.instagram.com/parqmag/